Stadium

N.º 79 ★ 7 DE JUNHO DE 1944

JOÃO LOURENÇO,
campeão nacional de velocidade, e
EDUARDO LOPES,
2.º classificado, que bateram o «record» nacional dos 200 metros

(Foto Nunes de Almeida)

À MARGEM DA DISCUSSÃO...

MARIANO COELHO, prestigioso dirigente

e figura de relêvo do Vitória de Setúbal fala-nos no desagradável caso do seu clube

NÃO é volvido tanto tempo sôbre o último encontro disputado, no Estádio do Lumiar, entre o Vitória de Setúbal e a Associação Académica de Coimbra, com vista à «Taça de Portugal», que possa estar esquecida, de todos que os que acompanham a par e passo o movimento desportivo, a celeuma provocada por êsse encontro — tão desagradável para os setubalenses.

A partida, para a legítima aspiração dos dois contendores, teve, em face dos acontecimentos registados no seu decurso, o condão de apaixonar o «público da bola». Formaram-se opiniões e constituiram-se partidos...

«Stadium», porém, não perfilhou idéias nem enfileirou em qualquer corrente. Dentro da absoluta imparcialidade, que se orgulha de manter sempre, preferiu aguardar o desfêcho do caso mais palpitante do futebol nacional no declinar da temporada de 1943 44.

Passada a natural efervescência, afigurou-se-nos oportuno ouvir alguém que, sôbre o caso, se pudesse pronunciar com autoridade. A escolha não foi difícil. Mariano Coelho era a pessoa indicada. Porque, falar do Vitória de Setúbal implica falar de Mariano Coelho, essa figura prestigiosa de desportista e exemplo de dedicação clubista, a quem a colectividade — que é sem dúvida o melhor cartaz de propaganda da cidade do Sado — tanto deve.

O nosso entrevistado de hoje é sobejamente conhecido de norte a sul do país, até mesmo noutros sectores da vida nacional.

O seu aprumo moral, as suas qualidades de trabalho impuseram-no desde novo à admiração e consideração de todos os que com êle privaram. Desportivamente, não podemos olvidar que foi o grande propulsor do Vitória, que, quási podia dizer-se, deu ao clube o seu campo dos Arcos e que, devido ao seu espírito de iniciativa e à sua ponderação, dirigiu a colectividade nos seus tempos áureos. De uma vez sabemos nós que esteve onze anos seguidos à frente dos destinos do Vitória Depois, quando cedeu a outros os postos de comando, Mariano Coelho nunca o abandonou. E agora, volvidos tantos anos, é ainda figura representativa do clube, cuja massa associativa muito o aprecia e lhe quere.

A nossa revista sente-se, por isso, satisfeita de poder dar aos seus leitores as impressões de Mariano Coelho, desportista da melhor têmpera e de uma só fé.

Ouçamo-lo, portanto.

Quando o abordámos sôbre o assunto, que tanto deve preocupar não são só os setubalenses, que vêem o futuro do seu clube tão nublado, mas também os desportistas do país, pois o Vitória tem honrosas tradições no desporto nacional, Mariano Coelho deixou transparecer claramente a mágua que o invade pelos acontecimentos ocorridos e o sofrimento que o seu amor clubista lhe acarreta. E, como a justificar a sua bem visível tristeza, recorda os últimos tempos do Vitória, o entusiasmo com que todos os setubalenses acompanhavam o ressurgimento do clube, de tal modo que — diz-nos — a população associativa passou de cêrca de quatrocentos sócios para mais de três mil e quinhentos, circunstância também favorecida pela melhoria da situação económica da gente trabalhadora da região.

Mariano Coelho pareceu esquecer por instantes o «momento» presente, para nos deixar adivinhar com que alegria êle confiava abertamente no futuro do seu querido Vitória e na possibilidade dêle voltar a ser o grande clube de há anos.

Mas, logo voltou o desalento, quando lhe preguntámos a que atribuir os factos passados, que originaram a situação difícil do Vitória.

O nosso interlocutor principia por nos dizer:

— Não se compreende, que para os três encontros que o Vitória teve de disputar contra a Académica fôsse sempre nomeado o mesmo árbitro. Porque êle, com o seu trabalho infeliz, teve graves responsabilidades no sucedido... Teria sido aconselhável designar outro juiz para o terceiro jôgo, e, estou certo disso, tão lamentáveis factos não se teriam dado.

E logo a seguir:

— Creio que a falta de bom senso se fêz sentir por mais de uma vez à volta dêste caso.

Depois, referindo-se à estranha atitude de parte da imprensa, a que atribue culpas do ambiente criado, acrescenta:

— Em Coimbra, donde algumas equipas regressaram, por mais de uma vez, atemorizadas com factos ocorridos dentro e fora do campo de Santa Cruz, assisti a cenas bem mais deploráveis — e nunca se lhe atribuiram as proporções que, nêste caso, se deram aos acontecimentos. O principal acusador do Vitória, a quem o clube deve assinalados serviços, que não esqueço, podia muito bem expandir a sua idéia sem ter lesado tanto os interesses do Vitória e de Setúbal. E isto porque era capaz de o fazer. Foi infeliz, mas está ainda a tempo de atenuar o mal e ajudar a debelá-lo.

Entramos a seguir no ponto nevrálgico — chamemos-lhe assim — da questão: a suspensão imposta ao clube. E preguntámos:

— Não lhe parece o comunicado da Comissão Administrativa do Vitória, dando conta do castigo ao jogador Luciano e, ao mesmo tempo, de louvores a outros jogadores, deve ter agravado a questão?

A resposta surge rápida e com convicção, Mariano Coelho diz-nos:

— Sem dúvida, essa deliberação foi extemporânea e infeliz. Atribuo-a, ùnicamente, à inexperiência dos que estão à frente dos destinos do Vitória. Quando li o comunicado fiquei surpreendido e pressenti imediatamente que o «caso» tinha de complicar-se. Infelizmente, não me enganei. Mas deixe que lhe diga: o castigo imposto ao Vitória é pesado. Se êle foi consequência de se haver considerado inconveniente a publicação do citado comunicado, da autoria da Comissão Administrativa aliás, composta de pessoas dignas do nosso respeito e estima, mas colocada nesse lugar, por deliberação da Direcção Geral dos Desportos, afigura-se-me que o clube não tem nenhuma responsabilidade no caso, e não devem ser tão duramente afectados os destinos do Vitória e derrubadas as esperanças que todos acalentávamos.

O nosso entrevistado, revelando a sua preocupação pelo futuro do Vitória, continua:

— A situação criada ao clube, quási implica a sua «morte».

O que será para o Vitória a impossibilidade de disputar o campeonato regional? Devemos concordar que a pena foi pesada. Nem, sequer, se ponderou que o cumprimento de tão grave castigo atiraria o clube para a promoção.

Arriscámos nova pregunta:

— Não tem esperanças de que a situação se resolva de modo que os interêsses do Vitória não tenham de ser tão afectados?

Sentimos que Mariano Coelho tem dificuldade em satisfazer a nossa curiosidade. E como resposta obtivemos as seguintes palavras:

— Não sei. É ainda cêdo para se pressentir o que vai acontecer. Julgo indispensáveis calma e ponderação. Há que aguardar que a reflexão e a justiça voltem. Todavia, confio no bom senso dos homens, e sobretudo não esqueço que o bom povo de Setúbal, essa gente que vive do trabalho e para o trabalho, estava ultimamente e sentir pelo Vitória tão grande atracção que iá se ia a esquecer doutros meios onde, antes passava as suas horas de ócio, A acção social do Vitória e a acção benéfica que o clube estava a produzir tem de ser levada em conta na revisão do caso!

E mais não disse o nosso entrevistado — pessoa capaz de ser, ainda uma vez útil ao seu clube de sempre, nesta emergência difícil, que «Stadium» deseja vêr solucionada a contento de todos.

J. A. M.

Passeio do Grupo Ciclo-Turista «Os 15»

nos dias 10 e 11

Nos dias 10 e 11 promove o Grupo Ciclo-Turista «Os 15», para os seus sócios, um passeio a Sesimbra, cujo itinerário é o seguinte:

Dia 10: Partida do Cais do Sodré, às 14 horas, para Cabo Espichel e Sesimbra, pernoitando-se na última localidade.

Dia 11: Partida de Sesimbra para Arrábida, Setúbal, Palmela, Barreiro e Lisboa. O grupo organizador lembra aos seus associados, que desejam tomar parte no passeio, a conveniência de levarem um pequeno lanche e bidons para água. Na Serra da Arrábida, os ciclo-turistas reünir-se-ão a um grupo de campistas que ali estarão acampados e do qual fazem parte alguns sócios de «Os 15».

Stadium atravessa as Fronteiras

CICLISMO

EM Mataró celebrou-se recentemente uma reünião ciclista, cujos números de maior interêsse no programa consistiam numa corrida de «eliminação» e numa «americana» de duas horas, com seis equipas formadas pelos melhores ases espanhóis.

O comportamento de todos os concorrentes foi brilhante. A vitória pertenceu à parelha Olmos-Costa, seguida de Ferrando-Pombellida e Llomport-Gimeno.

FUTEBOL

OS encontros da última jornada do compeonato nacional brasileiro forneceu os seguintes resultados:

Vasco da Gama-América, 3-2; Flamengo-Bom Sucesso, 4 0; Fluminense-São Cristovão, 3-1; Cantorio-Banguh, 3 2; Botafogo-Madureira, 1-1.

— Depois dos últimos encontros do campeonato argentino, a classificação dos concorrentes ficou assim ordenada:

1.º River Plata, 11 pontos; 2.º Boca Juniors, 10 p.; 3.º Independiente, 10 p.; 4.º San Lorengo, 9 p.

Em último lugar está o Banfield, com 2 p.

HIPISMO

NO hipodromo Gavea, disputou-se o grande Prémio da Prefeitura Municipal, na distância de 2.000 metros. A vitória coube ao cavalo argentino «Montreal», montado por Canales.

PUGILISMO

FREDDIE Mills e Jack London vão disputar, no próximo mês, o título de campeão inglês de «pesados».

Os dois pugilistas exibiram-se há dias, no decurso de uma reünião celebrada em Hounslow, durante a qual Jackie Rankin venceu Kid Tanner por pontos e Tommy Mc Glinckey derrotou Jim Brady, campeão de «levíssimos» do Império Britânico.

TÉNIS

TERMINOU o 52.º Campeonato livre do Rio da Prata, mais uma vez prejudicado pela guerra, que impediu a presença de alguns elementos em evidência.

Os títulos foram ganhos por Heral Weiss, em singulares-homens, Maria Luisa Terám, em singulares-senhoras; Augusto Zappa-Enrique Morca, em pares-homens; Felisa Piedrola e Sr.ª de Zappa, em pares-senhoras; e Felisa Piedrola-Agustin Zappa, em «mistos».

O GRUPO DESPORTIVO

Estoril Praia

festeja o 5.º aniversário...

A progressiva colectividade da Costa do Sol está festejando a passagem do seu quinto aniversário.

Nas suas magníficas instalações do Monte Estoril realizaram-se, no último sábado, um banquete de homenagem aos seus campeões, e no domingo duas sessões solenes: a da tarde, presidida pelo major Silva e Costa, que representava S. Ex.ª o Senhor Presidente da República, para distribuição de diplomas a diversos funcionários da Sociedade Estoril; a da noite, para entrega da taça ganha no campeonato nacional de futebol da 2.ª divisão e de medalhas a vários nadadores e outros atletas.

Todos os actos decorreram com entusiasmo, presenciados por numerosa assistência, entre a qual figurava elevada percentagem de senhoras.

No banquete, a que presidiu o nosso amigo Artur Rebelo, presidente da Assembleia Geral do clube em festa, tomaram assento as individualidades mais representativas do concelho e figuras gradas do desporto português.

Pelos vários oradores foram analisados, com justiça e verdade, os progressos e obra do G. D. Estoril-Praia, a acção benéfica dos seus dirigentes e amigos e o desportivismo dos atletas estorilenses. Destes, os componentes do grupo de futebol, duas vezes campeão na presente época, e Azinhais dos Santos foram os mais saudados.

Artur Rebelo, presidente das quatro primeiras gerências, e os nomes de Fausto de Figueiredo, Guilherme Cardim e Joaquim Nunes Ereira foram, também, particularmente acarinhados com expressivas manifestações de aplauso.

A Imprensa não foi esquecida nos discursos proferidos por Artur Rebelo e pelo dr. Joaquim Cardim, actual presidente da direcção do Estoril-Praia.

Este último, que falou em primeiro lugar, terminou as suas considerações com uma saudação especial para Suas Ex.as o Chefe do Estado e Presidente do Ministério, vibrantemente correspoadida. — C. C

...e promoveu um bom festival de natação

O festival de natação organizado pelo Estoril-Praia na última quinta-feira, incluído no programa de festas do seu quinto aniversário, constituiu uma boa jornada de propaganda para a modalidade e veio atestar, uma vez mais, não só o carinho que a natação merece à progressiva colectividade da Costa do Sol, mas também a maneira criteriosa como Azinhais dos Santos está desenvolvendo a sua acção de treinador, com trabalho em profundidade já muito apreciável.

Variado, com corridas, demonstrações de «estilos», saltos artísticos e «water-polo», o programa agradou. O Estoril-Praia deve sentir-se satisfeito com o êxito do seu festival de aniversário.

Mendes Silva, Blak e Simas, em evidência

Pode dizer-se, de modo geral, que tôdas as provas tiveram interêsse, em virtude de os nadadores terem sido agrupados consoante o seu valor.

José Roque e Fernando Cabral lutaram com ânimo nos 66 metros-livres, que percorreram respectivamente em 51 e 52 segundos.

José Simas, irmão do conhecido campeão, voltou às competições, triunfando nos 100 metros-costas, em 1 m. 27 s. $^{5}/_{10}$—mas é capaz de melhor...

Os 100 metros-livres forneceram luta equilibrada para os três primeiros postos e, acima de tudo, revelaram as possibilidades futuras de três elementos pouco conhecidos — Belmiro Santos (1 m. 13 s. $^{2}/_{10}$), Fernando Chaves (1 m. 16 s.) e Joaquim Chagas (1 m. 17 s.).

Júlio Mendes da Silva triunfou à-vontade na prova em que é especialista—os 200 metros-bruços, em «tempo» que merece registo — 3 m. 3 s. $^{3}/_{10}$ — tanto mais que não foi apertado.

Os 100 metros-livres, principiantes, proporcionaram luta animada e interessante. Os próprios «tempos» elucidam: Fernando Cisneiros (1 m. 12 s. $^{2}/_{10}$), Alvaro Parracho (1 m. 13 s.) e Artur Mendes Silva (1 m. 13 s. $^{2}/_{10}$).

Jorge Black, que já elogiamos por altura dos campeonatos universitários, ganhou, com a correcção que lhe é peculiar, os 100 metros-bruços em 1 m. 32 s. Meritório, também, o comportamento de Zeferino de Castro (1 m. 35 s. $^{4}/_{10}$). Jeremias Semião (44 s. $^{4}/_{10}$) e Eduardo Câmara e Sousa (56 s. $^{4}/_{10}$) triunfaram, respectivamente, nos 66 metros-livres e bruços. João Guerreiro (51 s. $^{6}/_{10}$) ganhou os 66 metros-livres—principiantes.

A fechar, os «ases» correram 100 metros-livres. Mário Simas sem se empregar grandemente, triunfou bem, num «tempo» exclusivamente ao seu alcance — 1 m. 4 s. $^{6}/_{10}$. Atrás dêle, Mira Gomes e Ribeiro Salgado conseguiram tempos apreciáveis: 1. m. 9 s. $^{1}/_{10}$ e 1. m 10 s.

Saltos e «water-polo»

A completar o grograma, saltos pelos campeões Guedes Gonçalves e Augusto Cabral, que a assistência seguiu com interêsse.

Por último, um desafio de «water-polo», a demonstrar o interêsse do Estoril-Praia pela modalidade por que tanto nos temos batido nestas colunas.

Encontro equilibrado, como equilibradas eram as turmas. Cada grupo fez um tento, em cada parte. No primeiro tempo, marcaram os brancos por intermédio de Manuel F. Moniz. Na segunda parte os pretos por intermédio de Macedo Nunes, na marcação de um «penalty».

O elencos formaram:

Pretos: Macara; Jorge Apóstolo e José Roque; Alexandre Apóstolo; Júlio Mendes Silva, João Maia Gomes e António Macedo Nunes.

Brancos: Câmara e Sousa; Joaquim Chagas e Fernando Chaves; Mário Alves; Azevedo Júlio, Mário Simas e Manuel Moniz. — A. T.

CICLISMO

João Lourenço, Joaquim Mendes e Campos Avelar, são campeões nacionais de velocidade

O festival de ciclismo na pista do Lumiar

O público desportivo da capital, ainda ligado às recentes competições de futebol, não se sentiu, no domingo, atraído para o espectáculo velocipédico que a Federação de Ciclismo lhe proporcionou no Estádio do Lumiar. Por isso, a afluência ao recinto do Sporting foi relativamente reduzida.

Só podem lastimar os que lá não foram. De facto, perderam uma jornada desportiva de inegualável beleza e um espectáculo a que nem sempre se assiste.

Atlèticamente, tudo decorreu de maneira a merecer elogios. Provas emotivas, lutas cerradas que empolgaram a assistência e invulgar cunho de desportivismo da parte do público, que soube aplaudir vencedores e vencidos, envolvendo principalmente estes num ambiente de carinho.

Houve, é certo, deslises em certas determinações do juri, por vezes até mesmo incoerentes e descabidas. Todavia, deve dizer-se que êsses deslises não tiveram influência nos resultados das competições, nem tão pouco diminuiram o valor ou ofuscaram o brilho das provas disputadas.

Esclareçam-se as leis do ciclismo

Está-se num período de transição, agindo-se e tomando por base regulamentos aprovados na lufa-lufa da remodelação actual da orgância do ciclismo.

Ainda não há uma regulamentação definitiva necessàriamente divulgada. Mas existem factos de ordem técnica que, por serem decalcados dos regulamentos franceses — por sinal os que deram forma às leis da U. C. Internacional — não são difíceis de interpretar e fazer cumprir. Exigem, sim coerência e critério uniforme na sua utilização e conhecimento minucioso dos casos em que podem e devem ser aplicadas as determinações exaradas nas leis.

Ora, no domingo, desclassificou-se, bem, um homem dos Combatentes «por não manter a sua linha de corrida», isto é, por obliquar exageradamente sôbre um lado da pista, dificultando a ultrapassagem de um adversário, e repetiram-se, dentro da boa norma, duas «séries» em que corredores caíram antes de estarem definidas as classificações. No entanto, já se não seguiu critério idêntico na série em que um concorrente se despedalou antes dos 200 metros (avaria), nem se puniu um atleta que obrigou, empurrando-o, o adversário a ir da faixa de rolagem, junto da corda, até quási ao exterior do relevé». Pior de que tudo isso, não se chegou a reconhecer tal falta, que a nosso ver não prejudicou ninguém, mas pretendeu-se repetir a prova em que a mesma se deu dando-a como irregular...

É necessário assentar nisto: ou as faltas existem e os corredores são desclassificados — o que no caso de domingo seria forçar a nota — ou então não houve falta e as provas são homologadas. É que nunca se podem repetir competições a pretexto de que um concorrente cometeu faltas de carácter técnico.

Desta ausência de uniformidade de critérios, mas também, mais ainda, da ânsia desmedida de reclamar de que estavam possuídos a maioria dos dirigentes, surgiram no domingo nada menos de quatro protestos, contestando classificações que, a nosso ver, sinceramente o confessamos sem rodeios, foram obtidas atlèticamente, com regularidade—e que atestam o real valor de quem as conquistou.

Bonitos triunfos

Porque, não há duvida, as vitórias de domingo couberam aos atlétas que melhor se comportaram.

Quem poderá contestar o mérito do triunfo obtido por J. Ferias, no campeonato distrital de velocidade, ganhando tôdas as séries em que tomou parte, numa demonstração insofismavel de «poder», e que nas finais pôde bater nitidamente o «combatente» Avelar, sempre aguerrido e voluntarioso nos últimos 300 metros?

E que dúvidas podem surgir àcêrca do valor de Campos Avelar, outro «combatente», que depois de ganhar o distrital em 43 e 44 veio, também, a vencer o nacional de juniores dêste ano?

Poder-se-á duvidar também da classe do portuense Joaquim Mendes, que tanto impressionou pela maneira possante como desenvolve a grande «desmultiplicação» da sua máquina, e depois «salta» o adversário nos últimos 50 metros? Não estará bem entregue o título de campeão, na categoria de seniores, a Mendes, um homem que bateu Dias Santos, campeão de Lisboa, e Onofre Tavares, orgulho dos nortenhos?

Duelo de dois grandes atletas

Da vitória de João Lourenço no campeonato nacional de velocidade basta dizer que, para ser conquistada, houve que bater o «record» de Portugal dos 200 metros, fixando-o em 13 s. $^{1}/_{5}$. Por aqui se pode avaliar o comportamento do corredor «leonino» e do seu valoroso e leal adversário Eduardo Lopes, que nas duas «mãos» perdeu pela escassa diferença de meia roda.

O porte dêstes dois campeões impressionou de tal maneira o publico que até o vencido teve uma chamada especial, para ser aplaudido.

Houve, de facto, falta cometida por Lourenço, sem nenhuma necessidade, pois a sua vantagem era tal que mesmo segurando a máquina com uma só mão pôde aguentar a marcha do adversário — o portuense Moreira — durante todo o «relevé». Por isso, essa falta não deve servir de argumento para contestar o mérito da triunfo, obtido sôbre Lopes com tôda a regularidade.

Conjunto de provas que satisfez

Houve, no festival de domingo, além das provas citadas, mais as corridas de «1 hora à americana», uma perseguição por equipas de 2 corredores, uma eliminação, em critério de 20 voltas e uma prova para veteranos.

A «americana» foi uma grande corrida. Percorreram-se nos sessenta minutos mais de 40 quilómetros e nunca deixou de haver luta e do melhor. O facto de cinco equipas terem terminado com o mesmo numero de voltas — 93— e do primeiro lugar ter sido conquistado apenas pela diferença de dois pontos, são argumentos que dizem quanto mérito possuiu tal prova. Venceu a equipa Lourenço — Aristides, com 11 pontos, seguida pelos «duos» Martins-Ferreira, Inácio-Mourão, Lopes-J. Pereira e Tulio-Noé.

Admiravel, como demonstração de combatividade, a vitória de Manuel Rocha no «critério» de velocidade. A seguir ao «iluminante» classificaram-se Joel (Sp.) e Mota Domingues (Lisgás).

Obtiveram os «leões» Dias Santos e Joel uma justa vitória na perseguição por equipas, embora a corrida fôsse muito mal disputada, tècnicamente, por todos os concorrentes. Seguiu-se o «duo» Rocha-Amândio, Ernani Aristides e Tavares Mota Domingues.

Na prova de veteranos saiu vencedor Rodrigues, do Lusitano, seguido de Joaquim Dias e Manuel Cruz.

Na eliminação, triunfou Santos Gomes, que teve em Coelho e Camilo os mais fortes adversários.

A assinalar, ainda, no conjunto desta interessante organização, o bom porte dos nortenhos Aniceto Bruno, Onofre, Morais e Couto, nas respectivas eliminatórias, e a combatividade de Inácio, Tulio, Noé, Ferreira e Martins na americana. Bons pronúncios para as corridas de domingo.

GIL MOREIRA

Nadadores do C. N. C.

O «Yolle» de 4 do clube

A propósito de um aniversário o CLUBE NAVAL de CASCAIS

desenvolve actividade digna das tradições do desporto náutico da linda vila.

CASCAIS, a pitoresca vila da Costa do Sol, com o encanto da sua baía, a actividade constante dos seus pescadores e a característica especial da sua cidadela, residência do venerando Chefe do Estado, gosa de prestígio desportivo que data de há muitos anos. Ali veraneava a família real e sob o seu impulso se efectuaram animadas regatas, em que o espírito desportivo de D. Carlos e D. Afonso aparecia, a cada instante, em tôdas as manifestações da actividade náutica, que nesse tempo constituia o melhor atractivo da época balnear.

Rodeando a família real no seu entusiasmo pelos desportos náuticos, ajudando ao brilhantismo de que se revestiam sempre as regatas de vela e remo, nomes fidalgos e da melhor distinção social acompanhavam as régias figuras, como os condes de Castro Guimarães e de Sabugosa, visconde Pindela, Fernando Magalhães, dr. Luís Crespo, a família Seixas, os irmãos O'Neill, Jaime Vasconcelos Thompson, Carlos Bleck, Miguel da Peixiota, etc., — todos contribuindo para o formoso espectáculo das regatas de Cascais, há uns bons cinquenta anos, ajudadas ainda no seu brilhantismo pela dedicada e reverente colaboração dos pescadores.

Recordam-se embarcações desse tempo, como a canoa do conde de Sabugosa, que lhe havia sido oferecida pela rainha D. Amélia; a «Andorinha», espécie de balieira a que fôra adaptada uma vela; o «Iate», «Maria Estella», da rainha D. Amélia, que era tripulado por D. Carlos I; o «Sirius», hoje barco escola de vela da Brigada Naval, mas que nesse tempo, com uma armação diferente da que hoje tem, era o barco preferido por D. Luís — no qual, em Itália, tomou parte em várias regatas... E tantos outros, que em dia de festival náutico na formosa vila levavam a bordo as nobres figuras da côrte e as da melhor sociedade portuguesa.

Mereê da predilecção da família real pelos desportos náuticos, as regatas de vela e remo eram nesse tempo dos mais activos desportos, chegando a constituir acontecimento de vulto em Cascais, para onde iam nesses dias as melhores famílias, recebidas, com a sua galharda hospitalidade, pelos habitantes da vila.

E que nota simpática registavam essas regatas, em que sempre eram incluídas as provas de remo e vela destinadas aos pescadores! Por elas se interessava vivamente a família real, atribuindo-lhes prémios pecuniários, como na tradicional regata das «canôas de picada».

Com passado tão entusiasticamente dedicado aos desportos do mar, Cascais tinha por direito e dever manter esse seu interesse de outros tempos.

Recordando-os, o sr. José Florindo de Oliveira fundava, em 1937, anexa à Sociedade Propaganda de Cascais, a secção náutica «Afonso Sanches», homenagem à memória do piloto da nau de Vasco da Gama.

Ràpidamente, a ideia ganhou vulto e magnífica actividade impunha logo o novo organismo desportivo, que mais tarde passou a denominar-se Clube Naval de Cascais — e que festejou há pouco o sexto aniversário da sua fundação.

* * *

Actualmente, o prestimoso clube desenvolve acção de relêvo. Por seu intermédio, Cascais começou a ter representação condigna no desporto, a mesmo tempo que valiosos projectos animam os seus directores, entre os quais se salienta o sr. dr. Frederico da Costa Pinto, um companheiro de D. Carlos e D. Afonso no desporto da vela.

O remo, a vela e a natação são os seus desportos — base que dão a finalidade do clube. Nestas modalidades tem o clube alcançado já merecidas vitórias e excelentes classificações. Um «Yole», um monotipo C. N. P., um vouga e um «Sharpie» de 9m² constituem a sua flotilha inicial — que procuram vêr em breve melhorada. A motonáutica é uma secção que acusa igualmente actividade. Os quatro melhores barcos do país são os do Naval de Cascais.

Mas, a par das suas secções de desporto náutico, o clube tem procurado desenvolver todas as modalidades.

O «basket-ball», o «volley-ball» e a gimnástica, esta com a classe de homens dirigida pelo sr. Joã» Possolo e a infantil orientada pelo dr. Rui Mendes, estão em franco progresso, confirmado pelo já valioso conjunto de taças e troféus que embelezam o gabinete da direcção, instalado numa das dependências da Sociedade Propaganda de Cascais.

Neste momento procura-se solucionar a instalação do posto náutico, visto que o local onde está é atingido pela construção da estrada marginal. Na praia grande, por baixo do Passeio Maria Pia, vai instalar-se um quadrilatero onde se disputarão provas de natação e «water-polo».

É maior intensidade na sua vida desportiva nos promete o Clube Naval de Cascais, que vai nomear seu «comodoro» o sr. Joaquim Thompson, o grande animador de tôdas as regatas que se disputaram em Cascais e que continua mantendo dignamente o seu belo espírito de homem dedicado ao desporto!

As prosperidades do clube estão à vista. Por seu intermédio, a linda vila está a conquistar lugar de relêvo no desporto náutico, mantendo as honrosas e brilhantes tradições da sua actividade de há quatro dezenas de anos.

Fernando Sá

Basket — Campeões da Costa do Sol

O «youle» do Naval de Cascais

O torneio de atletismo para estreantes

promovido e organizado pela "Stadium" para impulsionar a modalidade no Pôrto

e no qual se disputou a taça «Salazar Carreira»

Aspectos do torneio

1 — Arnaldo Borges, Eduardo Silva, J. Moreira Júnior, o nosso camarada Eduardo Soares, Roberto Machado e João Faria — que constituiram o juri do torneio; 2 — A equipa do Académico Basket de Braga; 3 — Abel Gonçalves, do F. C. P., vence nos 700 metros; 4 — A equipa do F. C. do Pôrto, que conquistou a taça «Salazar Carreira»; 5 — Silva Santos, do F. C. P., vencedor dos 2000 metros; 6 — Eloy Pereira, do F. C. P., passa 1,60; 7 — A. Serrano, do F. C. P., ao ganhar os 60 metros.

(Fotos Hermann)

BOXING

Na sessão do PARQUE MAYER o «leve» J. Martins

afirmou-se como jogador de classe

A última sessão de pugilismo profissinal, realizada no Estádio Mayer, serviu para confirmar o que por mais de uma vez temos dito: os jogadores de sôco nacionais não aprendem a ciência do «boxe» e pairam em um nivel geral de insuficiência.

O programa não compreendia valores de cotação elevada e reconhecida. Continha, no entanto, os nomes de Augusto de Sousa e Guilherme Martins, o primeiro bastante popular e o outro em plena ascenção e franco progresso. Ambos iam medir fôrças com adversários muito capazes de lhes dar réplica e os factos posteriores vieram dar jús a essa previsão. O espectaculo tornou-se frouxo e, muito embora os restantes combates houvessem sido mexidos e disputados com brio, foi banal e de pouco aparato. A pobresa, quasi geral, da esgrima de punhos exibida, foi a causa assencial e determinante do tédio da reunião.

A assistência, numerosa, sentiu-se defraudada, sem provavelmente ter cogitado o necessario para obter a chave do mistério. Infelizmente, grande parte do público procura, por instinto, um motivo, ou mais — e ora apupa o árbitro, ora o organizador, ora a entidade que dirige o desporto em causa. No fundo, apenas há a levar em conta a fragilidade dos profissionais do «boxe», a sua rudimentar técnica, a preparação dificiênte e, em poucas palavras, o baixo nivel no pugilismo português.

Portanto, quem se dispuzer a assistir a um espectaculo de «boxe» deve lembrar-se, de ante-mão, dêste pormenor, e não pode contar com ressurgimentos imprevistos ou reincarnações milagrosas...

Pròpriamente a sessão resumiu-se ao combate entre Guilherme Martins e Alfredo de Oliveira, dois pesos leves em ascenção. Para os amadores atentos, êste choque manteve em suspenso a respiração durante certas fases. De um lado e de outro há poder de golpe e logo primeiro assalto, de igualdade, Martins foi tocado duro e replicou em fôrça.

No segundo *round*, Oliveira, cuja técnica é inferior à de Martins, é abalado mas, reagindo, neutraliza os esforços contrários, batendo com dureza

O terceiro assalto é cheio de vivacidade e boa esgrima, acentuando-se o domínio de Martins. No *round* imediato, um golpe no baço atira Oliveira ao solo e força-o a desistir.

A vitória de Martins, pràticamente, foi por *knockout*.

Combate excelente, que veio confirmar as excelentes possibilidades do vencedor e o seu poder de golpe.

O encontro de António Figueiredo com Augusto de Sousa durou os 8 assaltos previstos. A vitória final de Sousa era evidente; no entanto, o árbitro atribuiu-a a Figueiredo da maneira mais inexplicavel e obscura.

Desde o primeiro assalto os dois jogadores preocuparam-se em bater duro, fazendo pouco caso da clássica esgrima e da ciência. Figueiredo, guardando-se mal, passou a permitir a colocação repetida dos golpes do punho direito de Sousa, no queixo e nos olhos. No 4.º assalto, Sousa entontece Figueiredo e domina amplamente. No imediato, ainda Figueiredo é socado com dureza e mostra-se pouco seguro. No sexto assalto, os corpo-a-corpo, confusos, repetidos, monótonos e forçados, transformam a fisionomia da luta num espectaculo falho de interêsse. O mesmo no 7.º e 8.º *rounds*, durante os quais Figueiredo se recompôs melhor, praticando a réplica com relativo êxito.

A vitória de Figueiredo foi mal acolhida e, isso compreende-se, indispôs o público.

Sousa ganhou por pontos sem a menor dúvida — se não de longe, pelo menos — por uma margem suficiente e visível.

Os outros combates — entre Filipe Rebordão e António Mateus (8 assaltos), que terminou por um empate; Joaquim Zulmiro e António da Costa (5 assaltos), que findou com a vitória de Zulmiro, por pontos; e Henrique Chansa contra Lino Domingos (4 assaltos), vitória de Chansa, por pontos — foram mexidos, mas sem emoção nem fases salientes.

As arbitragens, foram, de modo geral, fracas. Aliás, estes combates, travados por pugilistas que batalham em lugar de esgrimir, são de difícil condução, pois ou se toleram certos deslises ou se aplica o regulamento à risca—e a contenda termina ao 3.º assalto por desclassificação de um dos jogadores...

Todavia, decisões precipitadas e sem fundamento são um descrédito para a integridade de carácter do árbitro e ridicularizam os seus conhecimentos.

Isto só pode acabar efectuando, com a necessária segurança, a eliminação dos incompetentes ou dos facilmente sugestionáveis.

RAFAEL BARRADAS

A HISTÓRIA DO DESPORTO

O valor evocativo de um museu pode justificar a sua criação

NÃo é por certo muito antigo o movimento desportivo em Portugal. Mas conta já um bom par de anos — em grande número de modalidades. Alguns desportos podem vir de data recente. Têm por isso pequena história. Outros, porém, contam mais de meio século. E se uns têm por vezes vida precária, por qualquer razão que não merece a pena discutir nesta altura, outros há em que se tem progredido bastante e se tem afirmado valor, mesmo perante o estrangeiro. Para se fazer uma idéia do tempo que vários desportos levam de prática entre nós, basta citar o caso da existência da Associação Naval de Lisboa, a mais velha e ainda das mais importantes agremiações desportivas da Península. O futebol festejou brilhantemente as suas «Bodas de Ouro», por iniciativa feliz do nosso prezado colega «O Século», em 1938, vai para seis anos. Há, em resumo, diferentes desportos com larga e brilhante história em Portugal.

A maneira mais sugestiva e mais fácil de fazer a história de cada desporto consiste em pôr o presente perante o passado, para recordação de outros tempos, outros desportos e outras figuras. Consideramos por isso utilíssima a iniciativa da Associação Naval 1.º de Maio, da Figueira da Foz, relativamente à exposição biblio-iconográfica da sua actividade em cinquenta anos de trabalho em prol do desporto e de educação popular. Foi um novo exemplo do valor de exposições desta ordem.

A 1.ª Exposição do Futebol Português, em 1938, promovida pelo «Século», além do seu forte poder de sugestão e recordação, forneceu elementos magníficos para a história do popular desporto. O recente certame da Naval 1.º de Maio trouxe contribuïção que há-de ser valiosa — para a história da colectividade. Uma das velhas glórias da Naval dirigiu-nos uma carta de especial relevo como recordação de um atleta que se julgava esquecido. Tiveram também grande motivo de interêsse, por parte de velhos desportistas, as evocações, feitas na «Stadium», do I «Porto-Lisboa», disputado precisamente há meio século, e do carnaval desportivo de 1910. O trofeu posto em luta no primeiro jogo entre Lisboa e Porto é guardado pelo sr. Guilherme Pinto Basto como uma reliquia do futebol lusitano. Com que alegria o ilustre introdutor do futebol em Portugal recorda êsse jogo — e contem pla de quando em vez a respectiva taça! É um pouco da sua mocidade que evoca saüdosamente. E é sempre grato ao espírito lembrar factos que deixaram um rasto de simpatia e beleza...

Alguns dêstes trofeus têm um valor que transcende o significado ou o interêsse de uma família — ou de um clube. Julgamos por isso que seria oportuno reünir tudo o que há de mais evocativo num museu de recordações de desporto — trofeus, medalhas, fotografias, galhardetes, emblemas, etc. Há muita coisa dispersa por todo o país.

A reünião num museu facilitaria a sua exposição ao público. Aos mais velhos, podia servir especialmente para a recordação de um ou outro episódio em que intervieram ou a que assistiram. Mas serviria de lição—para todos!

NOTAS & COMENTÁRIOS

NUM artigo publicado no nosso prezado colega «Norte Desportivo», diz o sr. capitão-tenente João Soares de Oliveira, àcerca da natação:

«Cidades como Liverpool e Bruxelas não construiram nenhuma escola pública sem ser apetrechada com uma piscina: em Budapeste elevou-se a mais de 20 hectares a superfície ocupada por piscinas populares, que em Londres se contam por mais de uma centena».

«Porque não há-de ser assim entre nós?»— pregunta o articulista. Entre nós, pior do que uma escola pública sem piscinas anexas, é haver liceus com piscinas sem qualquer espécie de actividade. Há piscinas escolares que só servem — para vista...

*

VOLTAMOS ao problema das instalações sonoras dos campos de jogos, para notar o cuidado com que devem ser prestadas informações ao público. Não há muito tempo, anunciou-se a passagem de um atleta à categoria superior. E o atleta regressou à sua categoria — no domingo imediato...

NO Salão da Primavera de pintura e escultura da Sociedade Nacional de Belas Artes, voltaram a expôr Fortunato Anjos, que tem dado à «Stadium» notável colaboração, e José António Marques, antigo director do Ginásio Clube Português. Fortunato Anjos, membro suplente do juri de admissão, brilhou, especialmente, no quadro «Acção de Graças» com duas pequenas em dia de comunhão. É um quadro de grande valor pela maneira como o artista venceu as dificuldades de execução. José António Marques tem dois quadros exuberantes de luz e recorte. São dois pintores de arte em face de pleno progresso.

*

UM leitor faz-nos uma sugestão a que desejamos dar publicidade — a sugestão de uma amnistia ampla, ou de uma simples suspensão de castigos, a todos os atletas punidos por qualquer delito. Seria, diz-nos, uma boa maneira de comemorar a inauguração do «Estádio Nacional». Alguns dêles podiam comparecer ainda no desfile pelo Estádio. E todos ficariam gratos a quem os tratasse com generosidade, num dia de grande festa para o desporto lusitano.

*

O recente congresso da União Nacional dispensou notável atenção aos problemas desportivos. Na impossibilidade de fazer referência a todos os trabalhos apresentados e discutidos, recortamos os votos formulados pelo congresso sôbre desporto:

«Defende-se a hipotese de que deve ser confiada à Direcção Geral de Educação Física e Desportos a direcção única da educação física nacional, que terá como centro principal de irradiação de doutrina o Instituto Nacional de Educação Física.

Considera-se urgente a regulamenlação das actividades desportivas e a revisão de programas escolares. Preconiza-se a educação física para todos os graus de ensino, ministrada à mulher por professoras.

Deve ser claramente definida a situação dos individuos cuja actividade desportiva constitua modo de vida, a fim de evitar um «profissionalismo» oculto, que representa a negação dos principios do desporto».

O Gimnásio Clube Português

promove no próximo dia 14 o seu sarau no Coliseu dos Recreios

O GIMNÁSIO Clube Português vai encerrar, no próximo dia 14, com o sarau tradicional no Coliseu dos Recreios, a brilhante série de organizações iniciada com as comemorações do Centenário de Luís Monteiro e continuada, depois, com a «Semana da Ginástica».

A direcção do velho instituto de educação física convocou há dias para uma reünião os jornalistas desportivos, a-fim-de lhes transmitir a agradável notícia de mais esta iniciativa e apresentar-lhes uma indicação geral do programa projectado.

Como não pode deixar de ser em espectáculo dêste género, exibir-se-ão sobretudo números de aplicação, embora não faltem as classes de gimnástica educativa para homens e senhoras, escolhidas por serem aquelas que melhor podem prender a atenção dos espectadores. Teremos, assim, demonstrações de gimnástica olímpica, desde os exercícios de mãos livres até aos clássicos aparelhos, argolas, paralelas e barra, pela valorosa equipa do clube.

Reserva, porém, o Gimnásio uma surprêsa para o seu sarau: trata-se da apresentação de dansas regionais pelo grupo de senhoras da sua classe de gimnástica, numero para o qual foram escrupulosamente cuidados os mínimos pormenores, ao ponto de mandar vir das próprias regiões do país, cujo folclore se exibirá, os trajos destinados às executantes.

ATLETISMO

O F. C. Pôrto ganhou a taça "Salazar Carreira"

no torneio para estreantes que a «Stadium» organizou na capital do Norte

SEM vaidade o dizemos: a nossa revista contribuiu imenso para a propaganda do atletismo com a iniciativa que tomou de organizar um torneio para a categoria de «estreantes»! Tivemos a consolação de ver a bancada do Lima repleta de assistentes, vivamente interessados pela disputa das várias provas, e uma equipa valorosa — a do F. C. do Pôrto — que falou com clareza do interêsse que a esta colectividade está a merecer o mais salutar dos desportos.

É de lamentar que nem todos os clubes tenham podido corresponder ao nosso interêsse pró-atletismo, quando é certo que concedíamos tôdas as facilidades, desde a inscrição gratuita de atletas até á entrada livre dos seus associados. Isto é: não fomos buscar a mais pequena receita a uma organização em que fizemos despezas, com o único objectivo de trazer ao atletismo portuense um pouco de animação e de propaganda.

Mas a maneira gentil como o público acorreu ao Lima e seguiu as provas, o interêsse manifestado pelo F. C. do Pôrto, que compareceu na sua máxima fôrça e com uma equipa para tomar parte no nosso torneio, onde se comportou de maneira muito agradável; a maneira carinhosa como Joaquim Moreira Júnior, Roberto Machado, Eduardo Silva, João Faria e Arnaldo Borges se prontificaram a trabalhar no júri — por tudo isto, sentimo-nos satisfeitos e compensados dos sacrifícios que fizemos.

O atlétismo ganhou imenso com a nossa iniciativa e ficou provado que, se os «homens» quiserem, o atletismo portuense voltará a viver dias grandes!

Mercê do desinteressado auxílio dos elementos acima referidos, a organização decorreu dentro do melhor ritmo: o torneio fêz-se em duas horas e meia, sem faltas de maior. Boa visão na chegada, atletas disciplinados—óptimo ambiente de trabalho, em síntese.

Tècnicamente, a équipa do F. C. do Pôrto dominou sem discussão, e deu a perceber que dentro da colectividade se está a trabalhar como nunca. Alguns dos elementos novos que apresentou são autênticas revelações — Eloy Costa Pereira e Alfredo Serrano, por exemplo— e a todos êles nos vamos referir no próximo número. Também o Académico de Braga merece parabens, pois ficou mais uma vez demonstrado que, naquela cidade, se encontra boa matéria prima para o atletismo. O Académico do Pôrto teve representação limitada — o que é de lamentar numa colectividade com as suas tradições neste desporto. Simpática, a presença do Clube Desportivo Leões do Freixo, que pela primeira vez faz atletismo.

O F. C. do Pôrto venceu tôdas as provas, e ganhou a taça «Dr. Salazar Carreira», que oferecemos e se disputava entre clubes.

Os premiados com medalhas são os atletas seguintes: Alfredo Serrano — 60 metros e comprimento; Eloy Costa Pereira — 250 metros e altura; Abel Gonçalves — 700 metros; e Fernando Ferreira — pêso e disco.

Os resultados técnicos obtidos foram os seguintes:

60 metros: — 1.ª Eliminatória — 1.º Alfredo Serrano (F. C. P.) 8 s. 1/10; 2.º Domingos Coutinho (Ac. Braga), 3.º João Batista (F. C. P.); 2.ª Eliminatória — 1.º Eloy Costa Pereira (F. C. P) 8 s.; 2.º Fernando Portela (idem); 3.º Joaquim Lopes (Leões do Freixo).

Final:—1.º Alfredo Serrano (F. C. P.) 7 s. 9/10; 2.º Eloy da Costa Pereira (idem); 3.º Domingos Coutinho (Ac. Braga).

250 metros: — 1.ª Eliminatória — 1.º Fernando Portela (F. C. P.) 33 s. 8/10; 2.º Fernando Correia (Ac. de Braga); 3.º Jorge Fernandes (F. C. P.); 2.ª Eliminatória — 1.º Eloy Costa Pereira (F. C. P.) 33 s. 8/10; 2.º Nuno Teixeira (idem); 3.º Fernando Ferreira (idem). *Final:* — 1.º Eloy Costa Pereira (F. C. P.) 33 s. 9/10; 2.º Fernando Correia (Ac. de Braga); 3.º Jorge Fernandes (F. C. P.).

700 metros:—1.º Abel Gonçalves (F. C. P.) 1 m. 57 s. 1/10; 2.º João Ramos Carvalho (idem); 3.º Armando Leitão (idem).

2.000 metros: — 1.º Manuel Silva Santos (F. C. Pôrto), 7 m. 3/10; 2.º Alvaro Berenguel (idem).

Altura: — 1.º Eloy Costa Pereira (F. C. Pôrto), 1,m60; 2.º Joaquim Dias (Académico do Pôrto), 1, m 54; 3.º Fernando Correia (Académico de Braga) 1,m54.

Comprimento: 1.º Alfredo Serrano (F. C. Pôrto), 5,m99; 2.º José Aguiar (F. C. Pôrto) 5m; 3.º Fernando Correia (Académico de Braga) 4,m98.

Pêso: — Fernando Ferreira (F. C. Pôrto), 11,m14; 2.º Augusto Oliveira (A. de Braga), 11,m10; 3.º, Alfredo Serrano (F. C. Pôrto), 11m.

Disco: — 1.º Fernando Ferreira (F. C. Pôrto), 29,m25; 2.º Orlando Pereira (A. de Braga), 24,m40; 3.º, Augusto de Oliveira (F. C. Pôrto), 21,m82.

Classificação geral: — 1.º, F. C. Pôrto — 56 pontos; 2.º, Académico de Braga — 12 p.; 3.º, Académico do Pôrto — 3 p.; 4.º, Leões do Freixo.

No próximo número faremos as considerações técnicas que os atletas e o torneio merecem.

EDUARDO SOARES

BASKET-BALL

O CARNIDE CONSOLIDOU A SUA POSIÇÃO

no campeonato nacional

APÓS a sétima jornada do Campeonato Nacional da I divisão, o Carnide Clube respira mais fundo.

A vantagem de quatro pontos sôbre o segundo classificado, o Unidos, é sem dúvida uma boa margem e crêmos que será dificilimo anulá-la, embora não impossível.

A magnífica «forma» dos campeões, mais uma vez patenteada no sábado, justifica que se lhe atribua todo o favoritismo na prova em curso.

O «galope» final está à vista—e não nos parece que o Carnide possa ser pôsto em cheque.

Mesmo admitindo essa hipótese, ainda teria possibilidades de se ressarcir, porque não é num só jôgo que se elimina uma vantagem de quatro pontos.

Como propaganda do «basket», o prelio entreos campeões e o Unidos foi admirável. Reforça-se-nos a certeza de que o «basket-ball» lisbonense atingiu um nível notabilíssimo, podendo confrontar-se com os melhores especialistas.

Beleza, generosidade e emoção, — houve a rôdos na pugna Carnide-Unidos. Não se pouparam energias. A partida era decisiva. A vitória do Carnide quási o tranqüilizava quanto ao resto da competição; um triunfo unidista, abria aos rapazes da Cuf possibilidades de alcançarem o primeiro pôsto.

Pormenor a salientar: a velocidade espantosa do primeiro tempo, que não pôde, evidentemente, manter-se pelo jôgo adiante.

Dessa *corrida ao fôlego*, o Carnide saiu com vantagem, pois suportou melhor, até final, a marcha da partida. Num momento em que o Unidos esboçou uma reacção e se aproximou perigosamente da contagem, os carnidenses tiveram ainda a *base* necessária para arrancarem de novo em definitivo.

A vantagem de possuir bons «reservas», eis outro pormenor a focar.

A ausência de João da Cruz — um jogador extraordinário — poderia ter abalado a confiança de outro clube que não fôsse o Carnide. Os campeões, todavia, não se impressionaram e apareceram com substituto à altura de não comprometer o rendimento da equipa. E, entretanto, não seria de levar a mal que Rui ou Faria «sentissem» a responsabilidade, não só do jôgo, como — e muito principalmente — da substituição de um nome como o de Cruz!

O problema dos «reservas» não é descurado no Carnide Clube, — nunca o foi, aliás, e por isso a agremiação tem sempre sangue novo e ânimo para enfrentar tôdas as contrariedades.

O Unidos perdeu bem. Como já dissemos, não aguentou o andamento velocíssimo do pleito, como o seu adversário, e cedeu naturalmente. Sob o aspecto técnico, os unidistas pouco ficam a dever ao Carnide; com êste, formam, por certo, o melhor dúo do «basket» nacional.

*

Há a festejar a primeira vitória de F. C. do Pôrto. A «vítima» foi o Belenenses. Quere-nos parecer, a 320 quilómetros de distância, que os «azuis» confiaram demasiàdamente. Olharam de mais para a pontuação do F. C. P., esquecendo-se que êste, com tôda a lógica, andava há muito à procura de uma vitória, e que o seu próprio valôr, abstraindo da classificação, não era para desprezar.

Os «azuis brancos» deram tudo por tudo. Com a margem mínima ao intervalo — um ponto de diferença — puderam no entanto reünir fôrças para na 2.ª parte entrarem com vontade e confiança, de molde a nunca mais perderem o comando da partida.

O «basket» do Belenenses foi agradável, mas a equipa, após os primeiros momentos, deu a sensação de surpreendida, não conseguindo refazer-se.

*

Na cidade universitária, um representante do Norte, perdia com os conimbricenses.

O Vasco da Gama, já batido na primeira «ronda», pensou em desforra, mas o Conimbricence não lhe consentiu, para mais jogando entre o seu público.

A contagem, 37-32, pressupõe equilíbrio. De facto, os homens de Coimbra conseguiram inicialmente margem favorável, mas deixaram que os portuenses os igualassem e ultrapassassem. Por instantes, sòmente, porque numa reacção plena de vivacidade o Conimbricense obteve dez pontos, colocando-se de novo em vencedor, situação que jamais perdeu, não obstante tôdas as tentativas dos «vascainos».

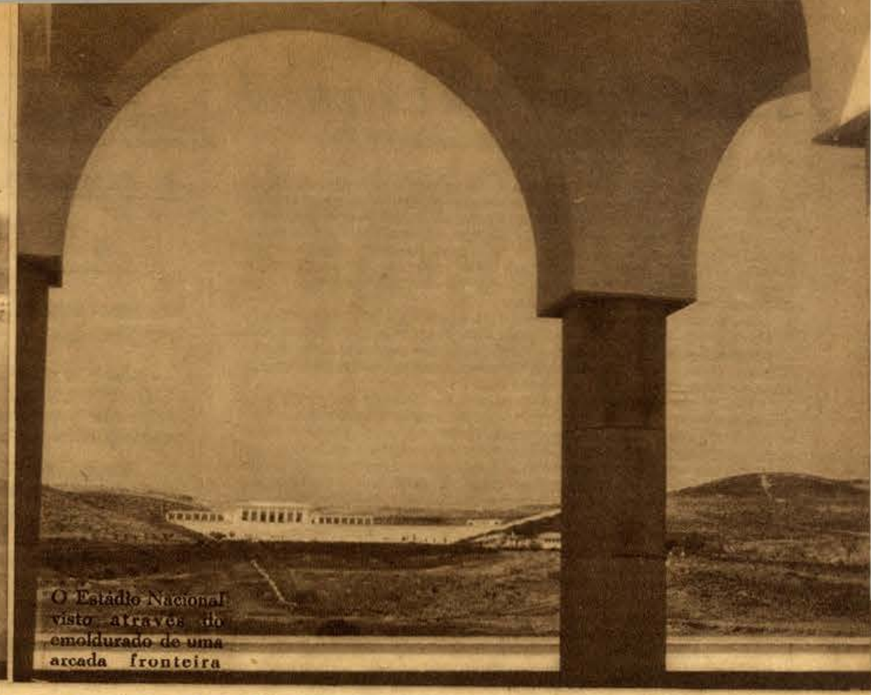
LANÇA MOREIRA

ESTADIO NACIONAL

generosa oferta de SALAZAR ao desporto português

É INAUGURADO NO SABADO COM UM FESTIVAL DE CONDIGNA IMPORTANCIA

A grandiosidade do Estádio



O Estádio Nacional visto através do emoldurado de uma arcada fronteira

3 de Dezembro de 1933. No rectângulo magestoso da Praça do Comércio, vestíbulo acolhedor da risonha Lisboa, a multidão desportiva escutava atenta as frases concisas do final do discurso que os amplificadores lhe transmitiam:

— «Eis, porque, muito bem compreendo o vosso sentir, as vossas aspirações, e porque creio, tanto como no ressurgimento da nossa Pátria pelas virtudes da vossa mocidade, na realização metódica, mas certa, das que me são agora presentes. E porque a primeira de tôdas é a construcção do estádio nacional regozijêmo-nos, porque teremos em breve o estádio nacional!»

Foram estas as palavras com as quais Salazar anunciou aos representantes do Congresso dos Clubes Desportivos, que tinham vindo em expressivo cortejo transmitir-lhe os votos e aspirações nacionais, de que eram no momento legítimos intérpretes, a promessa de satisfazer o mais ambicioso sonho de sucessivas gerações de desportistas.

Nasceu naquela manhã o Estádio Nacional. Há palavras que imediatamente valem como factos e a afirmação do Chefe do Govêrno firmou logo, no espírito de tôda a gente, os alicerces de uma obra de antemão julgada monumental.

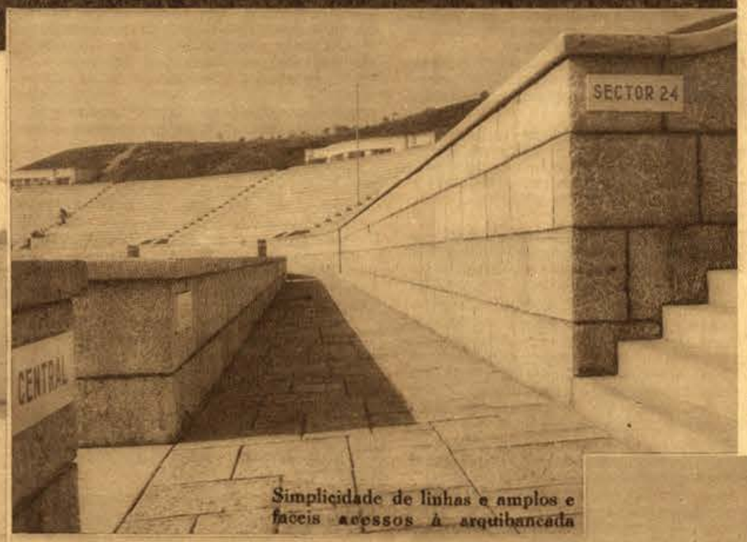
Giraram anos. Envolto no tempo, o grão-senhor do esquecimento, passou despercebido o esfôrço persistente e animoso dos realizadores da idéia. E um dia descobriu-se a verdade: estava enfim materializada a promessa de 1933 e, no ignoto arrabalde de hortejos e nuas encostas, sobranceiro ao vale rasgado por um modesto riozito saloio, ostentava agora a alvura imaculada dos seus mármores o famoso e imponente anfiteatro, abraçando a verdura fresca e o negro anel do campo desportivo, excedendo as precisões mais audaciosas dos mais confiantes optimistas.

A árdua tarefa estava pràticamente concluída no seu núcleo essencial; muito havia e há ainda a construir e arranjar até que fique completo o imenso parque de desportos, delineado com tamanha amplitude que ficará na totalidade da superfície abrangida, o maior da Europa ultrapassando de oitenta hectares o famoso Reichsportfeld, de Berlim.

(Continua na página 15)

Uma primorosa obra de arte: os portões forjados da tribuna de honra

Acompanhado dos srs. António Ferro e Almeida Araujo, o redactor da "Stadium" ouve as informações amavelmente pres-



Simplicidade de linhas e amplos e faceis acessos à arquibancada

O belo anfiteatro visto do campo de jogos

Estádio Nacional

(Continuação das págs. centrais)

Faltam três dias, apenas, para a inauguração solene do Estádio Nacional e nêsse dia algumas dezenas de milhares de espectadores hão-de experimentar a impressão dominadora da belíssima arena, belíssima pela sua própria arquitectura, mais bela ainda pelo enquadramento na paisagem do vale, que o olhar dos espectadores abrange até ao recorte longínquo das colinas fronteiriças, pela ampla rasgadura da praça monumental, onde em breve se erguerá, esbelta e altiva, a Tôrre de Maratona, com 40 metros de altura.

Se a todos êsses espectadores deixará imperecível recordação a primeira visita ao Estádio Nacional, bem poucos serão certamente os que desviem o pensamento para o esfôrço, a labuta árdua e a conjugação de actividades que representa a edificação daquela arquibancada gigantesca e adaptação do pitoresco cenário que a envolve.

São 45 os degraus sobrepostos, onde o público se instala para presenciar o cerimonial; cabem nêles 45.000 pessoas sentadas e dividem-nos em sectores vinte e duas escadas radiais; os primeiros vinte e cinco degraus, começando de baixo para cima, estão sinalizados com as letras do alfabeto; segue-se-lhes um caminho circular para trânsito dos espectadores — e prossegue a gradaria com nova signalização. Todos os assentos e paredes da bancada são cobertos de pedra lioz e, postos extremo a extremo, cobririam uma extensão de cinco léguas.

Apesar de se haver aproveitado o declive da encosta para nêle assentar a gradaria, fizeram-se remoções de terra no volume de meio milhão de metros cúbicos.

Em todo o recinto do parque circundante, por onde ficarão espalhadas as restantes instalações: os campos de ténis — já construídos e prontos a serem brevemente inaugurados também; os dois campos de treino, um dos quais relvado, com pista de cinza e bancada para 15.000 pessoas; a sede do Instituto Nacional de Educação Física; parque de campismo; campos da Mocidade; restaurantes, etc., por tôda essa enorme extensão acidentada foram semeadas e plantadas centenas de milhares de árvores, que daqui a alguns anos modificarão por completo o aspecto geral dos terrenos, dando ao parque e ao Estádio o seu verdadeiro ambiente.

Não foi sem dificuldades e dissabores que tudo isto se levou a cabo. Um exemplo: a primeira vasta sementeira de pinheiros de Alepo foi inteiramente destruída por uma autêntica praga de cotovias, que assolou a região; e, para que o percalço não se repetisse, foi necessário mobilizar quási um batalhão de rapazes, que durante todo o dia, e até as árvores nascerem, se espalhavam pelo vale batendo latas para espantar os pássaros...

Há um pormenor interessante, quási simbólico, e que ninguém ainda focou: por baixo das actuais instalações do Estádio ficava a Quinta de S. José, onde residiu durante algum tempo Ramalho Ortigão, o grande precursor apologista da educação física dos portugueses. Fica assim com sólidas raízes na tradição do passado a nova catedral do desporto lusitano.

A inauguração, marcada para sábado próximo, criou no recinto e nas suas imediações uma azáfama na conclusão dos últimos pormenores; centenas de operários trabalhavam, espalhados pelo vasto recinto, quando ali fomos em visita especial recolher elementos para apresentar o Estádio aos leitores da «Stadium».

No anfiteatro e no campo tudo está concluído; num dos topos do terreno foi plantado o mastro de honra, onde drapejava semorilmente imensa bandeira nacional, a mesma que no sábado estará presente na festa. É, disseram-nos, das maiores feitas em Portugal: tem sete metros quadrados, embora lá no alto pareça de dimensões comuns.

No tôpo do mastro colocaram uma esfera armilar, em latão, que cá de baixo se diria um brinquedo; no entanto, pesa a bagatela de trinta quilos, o que diz tudo quanto à sua amplitude.

Estão concluídos, também, os três parques de estacionamento, um na parte baixa, junto à praça principal, os outros no alto do morro, em plano com os portões de acesso para a tribuna e bancada superior; qualquer dêles comporta milhares de automóveis, num sistema de arrumação que a todos permite liberdade de movimento.

(Conclui da pág. seguinte)

O ANALGÉSICO DOS DESPORTISTAS

Eficaz em: entorses, luxações, contusões, traumatismos e dôres musculares em geral. — Alívio rápido após a primeira fricção

Á venda em qualquer farmácia — Escudos 15$00

MAIS UM ÊXITO

A EXTRAORDINÁRIA INICIATIVA DA

«STADIUM»

anunciada no nosso último número registou o melhor acolhimento

As inscrições para a nossa série de *GRANDES REPORTAGENS GRÁFICAS* começam a chegar diàriamente às centenas, excedendo tôda a nossa expectativa!

Como dissémos, durante o período do defeso do futebol «STADIUM» vai publicar

SEM AUMENTO DE PREÇO

em números sucessivos, A COMEÇAR AINDA ÊSTE MÊS, uma série de ARTIGOS DE HOMENAGEM AOS CLUBES que concorreram ao CAMPEONATO NACIONAL e «TAÇA DE PORTUGAL» durante a última época.

Êstes artigos serão acompanhados de

uma GRAVURA A CÔRES formato grande

representando a correspondente equipa de honra de futebol. Constituirão breves reportagens, encerrando um resumo da história de cada clube e algumas entrevistas com figuras de relêvo na sua massa associativa, sendo ainda ilustrados com fotografias que foquem acontecimentos de realce na respectiva actividade.

Teremos, portanto, além de muitas outras gravuras, nada menos de 16 ESTAMPAS, acompanhadas de ENTREVISTAS e um pouco da HISTÓRIA DE CADA CLUBE, o que ficará constituindo uma colecção interessantíssima dos principais grupos nacionais, que todos os nossos leitores vão arquivar com interêsse, pois «STADIUM» oferecer-lhes-á ainda

uma CAPA para encadernar

esta curiosa documentação de 16 estampas e as páginas que as acompanham. Por tudo isto não hesitamos em afirmar que a nossa iniciativa é a mais retumbante no género — representando ainda a mais desenvolvida PUBLICAÇÃO DESTA ESPÉCIE EFECTUADA ATÉ AGORA EM PORTUGAL.

Assim, «STADIUM» oferece aos entusiastas do futebol O MAIOR E MAIS INTERESSANTE DOCUMENTÁRIO, que poderão coleccionar sem dispêndio: basta comprar a revista AO PREÇO NORMAL!!

Inscrevam-se para êste documentário único

Aos leitores que não são nossos assinantes:

Aceitam-se assinaturas especiais para esta série de 16 números. Basta enviar à Administração de «Stadium» a importância de 24$00, para garantir a aquisição dêste formidável documentário — com a sua capa feita expressamente.

Aos inúmeros agentes do continente, ilhas e África pedimos que nos indiquem, com a possível antecipação, as quantidades que desejam receber.

Quando a STADIUM pregunta...

Ouvindo HERMANO PATRONE

dedicado treinador do prestigioso S. A. e Dafundo

JUNHO de 1943. No almoço comemorativo de 28.º aniversário do Sport Algés e Dafundo, no momento dos brindes, ao ouvir as frases entusiasticas e repletas de fé pronunciadas pelo seu «velho» companheiro Fernando Sacadura, o dedicado Hermano Patrone, nomeado nessa altura treinador oficial do prestigioso clube, tinha os olhos marejados. O momento era de emoção — e de emoção bem forte, sentida. Nunca mais esta cena se nos apagou da memória.

Lembramo-la hoje porque a achamos perfeitamente expressiva, como demonstração do amor ao Algés e Dafundo de um atléta valoroso, que deve ter recordado, nêsse momento verdadeiramente histórico da vida do S. A. D., tôda a sua carreira de «recordman» e de campeão, de jogador de «water-polo» de primeiro plano, de saltador afamado — batendo-se sempre sob o mesmo pavilhão, o do «seu» Algés, que ajudou a levantar bem alto, em anos e anos consecutivos, tanto em Portugal como em Espanha...

Melhor do que ninguem, Hermano Patrone compreendeu o valor da missão que lhe confiavam. Mas o «metier» não lhe era estranho: professor obsequioso de natação há muito tempo, arcou confiado com as responsabilidades do cargo de treinador do primeiro clube da natação nacional, provando ser, realmente, entre os técnicos dos Algés, a pessoa mais indicada para tais funções.

Passou a época de 1943 e atingiu-se a temporada da primavera de 1944. No nosso propósito de ouvir os elementos responsaveis nas principais colectividades que se dedicam à prática do belo desporto que é a natação — havia que auscultar a opinião de Patrone, saber dos seus planos e registar o seu pensamento acerca do trabalho desenvolvido e a desenvolver.

Com vista ao futuro...

Domingo de manhã, ainda na piscina de inverno do Sport Algés e Dafundo, cuja instalação proporcionou ao clube tantos dos seus inumeros triunfos.

O movimento é constante. Nadadores e nadadoras, de tôdas as categorias, trabalham sob a orientação de Hermano Patrone. Todos recebem as suas indicações, os seus conselhos — e todos, de mais ou menos mérito, procuram atingir a fórma que lhes permitirá dar ao S. A. D. os louros de novas vitórias.

Há certo alvoroço ao saber-se da chegada de um representante da «Stadium». O treino continua, porém, no seu ritmo normal. Apenas Patrone tem de se dividir... Ao mesmo tempo que prossegue nas suas indicações vai satisfazendo a nossa curiosidade.

Observando o à-vontade com que Patrone exerce as suas dificeis funções, preguntamos-lhe há quanto tempo ensina.

— Pràticamente, desde a inauguração da piscina... Como vê, não sou propriamente um «caloiro» no assunto .. É certo que a minha missão era diferente: até há pouco tempo limitava-me a ensinar a nadar, se bem que já alguns atlétas do clube treinassem sob a minha direcção. Está nêste caso, por exemplo, Maria Vitória Santos, que bateu, em 1935, e preparada por mim, o «record» nacional dos 100 metros livres. Também Maria de Lourdes Bessone Basto trabalhava comigo algumas vezes, sobretudo na ausência de seu pai. E outros...

— Quere dizer—houve apenas uma ampliação de funções...

— Exactamente. E o natural crescimento de responsabilidades... Mas compreendo perfeitamente essas responsabilidades, que assumi, de bom grado, em melindroso momento da vida do clube. E compreendo também a comparação que se fará «in mente», pelo menos, entre o professor que saíu e o que entrou. Mas há que enfrentar as dificuldades com espírito desportivo... Por isso trubalho há mêses, sem o menor desfalecimento, esforçando-me por acertar e deligenciando transmitir aos novos o que o estudo e a experiência me ensinaram.

— E está satisfeito com o trabalho realizado?

— Inteiramente satisfeito. Registo progressos acentuados entre os nadadores das categorias inferiores, justamente os que mais me interessam. É que privado o Algés das suas figuras mais representativas, o melhor da nossa atenção tem de se fixar nos infantis e principiantes; volvidos anos—um bom nadador leva anos a fazer...—serão êles que proporcionarão ao clube as vitórias, os campeonatos, que o tornaram aclamado de norte a sul do País.

Os novos e os consagrados

Pedimos a Patrone que nos dê alguns nomes.

— O nucleo é numeroso. Posso, pois, citar-lhe quási ao acaso: Armando Martins da Silva, Amilcar Nabais da Cruz, Carlos Alberto Borges, Manuel Alves Baptista, como os de mais breve e esperançoso futuro—alem de um de quem muito espero: meu irmão Guilherme, infantil da época passada e que já fêz os 100 metros livres em 1 m. e 12 s., os 100 costas em 1 m. e 29 s. e os 200 livres em 2 m. e 53 s. Mas há mais, muitos mais, felizmente...

— E quanto ao grupo dos consagrados?

— Eu lhe digo: se bem que nas provas de seniores não possamos ter aspirações com vista aos primeiros lugares, possuimos, no entanto, um grupo de nadadores capaz de obter, pelo menos, posições honrosas. Estão nêste caso os nossos conhecidos Rodrigo Bessone Basto Jr., Rafael Eduardo Ramos, Vasco Carrelhas, Oscar Cabral, Malheiro da Silva, José Rosa, Afonso Gonçalves, Francisco Alves, Moitinho de Almeida e Fernando Sacadura — êste último verdadeiro exemplo de dedicação clubista e de longevidade desportiva!

— Para completar a lista, que nos diz das nadadoras? Há um bom grupo, não?

— Há de facto um excelente grupo. Mas... receio que abandonem o desporto logo que atinjam os dezoito anos, ou mesmo antes... A mulher portuguesa não se adaptou ainda, mau grado seu, à excelencia da vida desportiva condicionada — da qual a natação é exemplo flagrante. Enfim — veremos... Das «miudas», Maria Luiza Santos Silva, Maria Odete Caiola, Maria Helena Barradas e Maria do Rosário Nunes são as mais entusiastas. Das senhoras, citarei Maria de Lourdes Bessone Basto, a melhor nadadora de 1943 e que, estou certo, não deixará ainda o desporto de competição, e Fernanda Mântua, Maria de Lourdes Mendes, Maria Celeste Teles e a esperançosa Lucília Angeja. Mas, sabe, são senhoras...

«Water-polo» — mais do que nunca...

Tinhamos falado de natação pura. Naturalmente, a conversa recaiu depois no «water-polo». Patrone diz-nos logo:

— Como sabe, o «water-polo» praticou-se sempre no Algés. Mesmo quando era absoluta a indiferença pela modalidade, os rapazes do S. A. D. treinaram sempre e também sempre se exibiram em público, aproveitando tôdas as oportunidades. Agora, quando tudo parece voltar ao bom caminho, deixando-nos antever que o belo desporto consiga retomar, embora lentamente, o brilho de outros tempos, redobraremos de esforços para que o entusiasmo pelo «water-polo» aumente dentro do nosso clube, criando-lhe ainda mais fundas raizes. Por minha parte, farei tudo o que puder!

Um vigoroso aperto de mão — e concluimos a nossa entrevista com Hermano Patrone, a primeira que o dedicado desportista do Algés e Dafundo concedeu desde que exerce as funções de treinador do clube.

ABREU TORRES

CAMPISMO

Um «fogo de conselho» no Campo de Ourique

O Clube Atlético de Campo de Ourique está dedicando especial carinho à sua secção de campismo.

A útil modalidade encontra, nos dirigentes do simpático clube, magnifico apoio e por isso a secção está progredindo, através de uma campanha de divulgação dos excelentes predicados dêste desporto, levada a efeito pelos dirigentes da secção, srs. Carlos Capela, Fernando Baía dos Santos e Ceciliano de Albuquerque.

O «rink» de patinagem do clube transformou-se num repente. As barracas ocuparam-no, e ao centro, como se estivessem em pleno campo, sentaram-se os campistas, não só os do Campo de Ourique como também os do Grupo Pró-Natura, Grupo Desportivo Estrêla, Núcleo Campista 23 de Fevereiro, Grupo Lisbonense de Campismo, Grupo Campista «Rapazes da Fogueira» e Ateneu Comercial.

O sr. Vieira Antunes, vice-presidente do clube, referiu-se à actividade da nova secção e o sr. dr. Gomes dos Santos, presidente do Núcleo de Propaganda Educativa «Novos de Portugal», deu início do «fogo de conselho». As suas palavras, de muito entusiasmo pela iniciativa dos campistas do Campo de Ourique, foram escutadas com interêsse pela grande assistência que compareceu. Referiu-se à camaradagem excelente do campismo e ao ambiente de amizade que promove entre os seus praticantes, salientando o valor dêste movimento, que em todo o mundo constitui abraço de verdadeira fraternidade, e o significado do «fogo de conselho» — chama purificadora que representa o ideal nobre existente em todas as manifestações da mocidade. Em Portugal — disse — o campismo tem conquistado nos últimos tempos a gente nova e poderá tornar-se numa obra de conjunto para engrandecimento da Pátria.

ESTÁDIO NACIONAL

(Conclusão da pág. anterior)

Muito se tem falado sôbre o problema das conduções para o Estádio e suas vias de acesso; eis, sem comentário, alguns elementos precisos para esclarecimento do povo: da Praça Marquês de Pombal à praça da Maratona, pela auto-estrada, vão onze quilómeros e trezentos metros, que o nosso «taxi», sem grandes correrias, transpôs em 12 minutos; da estação do comboio, na Cruz Quebrada, até à entrada do Estádio, há que percorrer pouco mais de um quilómetro, em subida suave ao longo do Jamor; finalmente, da estação dos carros eléctricos os passageiros andam cêrca de quinhentos metros para chegarem ao seu destino.

Esta estação para os eléctricos é de dimensões apropriadas aos dias de grande afluência, pois junto dos seus cais podem alinhar simultâneamente 80 carros; também a estação do combóio, em via de construção em lugar sobranceiro à da Carris, ficará nas devidas proporções, dispondo de cinco linhas, o que lhe dá maior capacidade do que à da gare do Cais do Sodré.

SALAZAR CARREIRA

MÓVEIS JOAL
DESENHAM, EXECUTAM E DECORAM
Av. Almirante Reis, 233-B (Carro do Arieiro)
TELEFONE 4 4033
L I S B O A

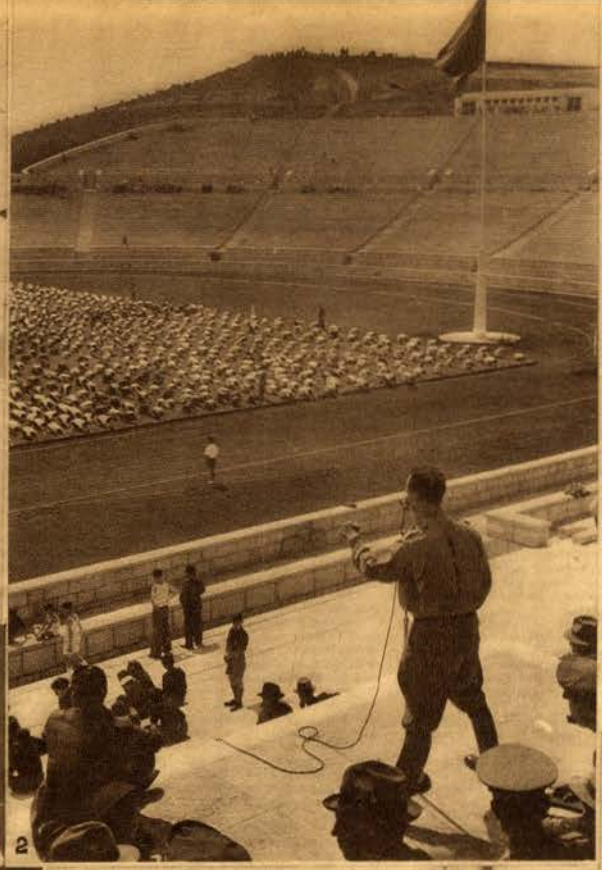
Em seguida acendeu-se o «fogo do conselho» e os campistas entoaram alegremente as suas canções, terminando a agradável reunião pela entrega de prémios aos alunos da Escola de Educação Física, do clube que completaram com aproveitamento o 1.º Curso da Escola Prática de Campismo.

Gralhas...

Um dêstes antipáticos «bichos» empoleirou-se, no nosso último número, na referência que fizemos aos campeonatos de esgrima da «Mocidade Portuguesa». Saía que se disputaram as provas de equipas de florete e sabre, quando se escreveu de florete e *espada*. Fica, pois, esclarecido que o Douro Litoral ganhou o campeonato de espada, por equipas.

Domingo DESPORTIVO

ATLETISMO: *No «Torneio Popular» organizado pelo Sporting:* 1 — A chegada dos 60 metros, ganhos por J. Simões; 2 — Aspecto da prova de 700 metros. *No torneio do Benfica:* 3 — O grupo dos concorrentes; 4 — Homero triunfa nos 60 metros. **FESTAS ASSOCIATIVAS:** 5 — A mesa que presidiu à sessão comemorativa do aniversário da S. F. Alunos de Apolo; 6 — Aspecto de idêntica manifestação no Mirantense F. C. **HOCKEY EM CAMPO:** *Campeonato de Lisboa:* 7 — O «team» do S. L. Benfica, «leader» da classificação



EXERCÍCIOS PREPARATÓRIOS da "MOCIDADE"

PARA A FESTA INAUGURAL DO ESTÁDIO

A «Mocidade Portuguesa» tem prerarado cuidadosamente a sua grande exibição com que, no próximo sábado, se inaugura o nosso soberbo Estádio Nacional. Há dias, quatro mil rapazes ali estiveram, na primeira adaptação ao grandioso cenário. As gravuras mostram: 1 — Os srs. António Ferro, general Pereira dos Santos, capitão Quintino da Costa e outras entidades, assistindo aos exercícios; 2 — O sr. capitão Marques Pereira, director dos Serviços de Educação Física da M. P., dirige o ensaio

(Fotos Nunes de Almeida)

Acontecimentos da Semana

NA CAPITAL DO NORTE

Tenis de mesa entre jornalistas: 3 — Os melhores classificados no torneio do Portuense Rádio Clube: a contar da direita — Correia de Brito, do «Comércio», 1.º classif.; Alves Teixeira, do «Norte Desportivo», 2.º; Mário Petiz, da «República», 3.º; e José Parreira, «Stadium», 4.º. *Aniversário do Feminino A. C.:* 4 — As representantes do F. A. C. no festival do Coliseu do Porto. HOMENAGEM: O Sport Clube do Porto ofereceu um jantar intimo aos seus remadores que conquistaram o campeonato regional de fundo em «out-riggers» de 4 — os quais se vêem reünidos na fotografia que publicamos

(Fotos Hermann)

A «IMPÉRIO» é a única Companhia autorizada a cobrir os riscos derivados das práticas desportivas.

IMPÉRIO SEGUROS

Seja previdente, adquirindo uma apólice da «IMPÉRIO» — a Companhia de Seguros que dispõe de maior capital.

COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
Rua Garrett, 56 — LISBOA

CHAVES de todos os modelos

Perdeu-as? Partiram-se? Roubaram-lhas? — mande fazer outras na

CASA DAS CHAVES
Amadeu Gomes da Fonseca
RUA DA MOURARIA, 3
(Frente ao Cinema) ● Telef. 28056

HANDBALL

NOTAS SOLTAS

ACABOU a disputa de mais um campeonato da capital do Norte e verificou-se nova vitória do clube da Constituição.

Apreciando a capacidade dos concorrentes, comprova-se ligeira quebra de valor colectivo: nenhum grupo atingiu as culminâncias de outros tempos e as poucas revelações que surgiram não compensam o número de «ases» em declínio de forma.

No entanto, dois clubes da 1.ª divisão — Vilanovense e Boavista — melheraram em confronto com as anteriores épocas. O primeiro, um grupo de jovens, ganhou personalidade; o segundo, de categoria secundária, conseguiu a melhor formação que tem apresentado nos últimos anos.

O campeão, esboçando de quando em quando o seu antigo sistema, que constituiu padrão e foi o melhor interprete do «handball» nacional, apoia-se ainda nos seus elementos consagrados.

— O campeonato nacional deve começar no domingo. O «handball» nortenho já não está no seu período áureo e Lisboa subiu de categoria. Contudo, a representação do Pôrto está bem entregue aos dois clubes que, apesar de tudo, reúnem as melhores condições para aspirarem a nova conquista do título máximo.

— O Vilanovense protestou os dois jogos que fêz contra o F. C. do Pôrto. O primeiro dos protestos foi julgado improcedente; quanto ao segundo, já passaram sete semanas — e nada foi ainda resolvido.

É possível que a resolução seja de novo a mesma, tanto mais que está fundamentado em bases menos sólidas.

Seja como fôr, a demora na decisão tem ocasionado justos reparos, particularmente porque já se apuraram as classificações dos clubes.

Esta atitude não prestigia o conselho técnico da A. H. P.

— O «caso Prazeres-Neca» tem dado motivo a viva discussão no meio portuense do «handball». O F. C. do Pôrto argumenta que inscreveu os seus jogadores dentro do prazo legal; a Associação, ainda que reconheça haverem os documentos entrado na secretaria no prazo fixado, considera que essas inscrições só fôram feitas depois de observadas certas circunstâncias, numa reünião directiva já fora do prazo...

Se o F. C. do Pôrto perder a questão — perderá o título regional a favor do actual 2.º classificado.—LEME.

SEMANA A SEMANA

Os campeonatos regionais de remo

Continuamos a estar muito mal servidos em remo. As provas cifram-se à luta entre os dois eternos rivais: Sport Clube do Pôrto e Clube Fluvial Portuense. Não há variedade: hoje corre o Sport contra o Fluvial e amanhã é a vez do Fluvial contra o Sport... As restantes colectividades adormeceram e não dão sinal de existência.

Não se compreende tanto desinterêsse. Por mais que se aponte a necessidade de cultivar êste belo desporto, a apatia não permite que se saia do maraamo em que a modalidade se debate.

Há necessidade de impulsionar e encarreirar a gente moça para êste salutar exercício, dos mais antigos que se praticam nesta cidade. Pouco ou nada se tem feito, fora do âmbito costumado. Como dissemos, a luta permanece únicamente cingida a dois clubes — Sport e Fluvial.

Entretanto, infatigàvelmente, o centro especializado de remo da «Mocidade Portuguesa», a cujos treinos preside Fernando Barbedo, continua a trabalhar os seus rapazes, incutindo-lhes o amor por esta forma desportiva. É semente que se lança, mas que levará tempo a germinar. Só daqui a uns bons anos é que se poderão colher os frutos.

Continuaremos, até então, na mesma? Não haverá processo de eliminar esta enércia, que tanto prejudica o rêmo portuense? O Pôrto nunca mais terá, uniformemente, outros clubes além dos «eternos»?

Os campeonatos regionais foram o que se viu. Algumas tripulações revelaram treino pouco intenso, ou então má apreensão dos ensinamentos recebidos.

Notámos, em alguns dos conjuntos, que o rendimento era prejudicado pela maneira defeituosa como a pá do rêmo entrava na água, apanhando-a quási à superfície ou mergulhando demais, a provocar um esfôrço maior e a atrazar a remada para o conjunto.

Também vimos outros em que a cadência e a técnica eram tão apuradas que dava prazer seguir, da margem, as pás espelhando ao sol, entrando na água tôdas ao mesmo tempo, e ao mesmo tempo saindo para prosseguir. Não havia um rêmo mais baixo do que outro; todos nivelados, para que o impulso fôsse de pleno rendimento da remada.

Isto vimos nós, que não somos peritos na matéria...

Desportos escolares

Foi interessantíssima a festa realizada na E. I. Faria Guimarães para encerramento das actividades do Centro Escolar n.º 21, da «Mocidade Portuguesa», que funciona anexo àquêle estabelecimento de ensino técnico. Entre as várias solenidades efectuadas com a presença dos srs. capitão Gonçalves da Silva, sub-delegado regional interino da «M. P.», e escultor Sousa Caldas, director da Escola, salientaram-se os diversos jogos desportivos entre filiados, bem como os exercícios de transmissões, campismo e ginnástica, que mereceram o apreço da numerosa assistência. As alunas apresentaram-se em danças e canções do nosso «folclore» regional, de seguro efeito.

A festa deixou em todos os assistentes a melhor das impressões, revelando aproveitamento muito apreciável na parte desportiva e de educação física.

Ermezinde Sport Clube

Completando a série de triunfos que lhe deu o título de campeão da Promoção na época futebolística que findou, o Ermezinde, modesto clube do concelho de Valongo, viu o seu esfôrço compensado com a vitória no jógo de passagem com o Canidelo, ascendendo, assim, à 3.ª divisão regional.

Os nossos parabens aos nóveis campeões, fazendo votos por que, na nova época, possam colher outros triunfos para a sua colectividade.

A CAMINHO DA REALIDADE?

A aquisição dos terrenos para o novo campo de jogos do F. C. Pôrto está pendente de um factor importante

TEMOS acompanhado com todo o interêsse o esfôrço desenvolvido pela Comissão pró-campo do F. C. do Pôrto, da qual fazem parte, como membros natos, os conhecidos dirigentes desportivos srs. Sebastião Ferreira Mendes, Carlos Lelo, António Martins e António Calem, e que se completa com a inclusão dos presidentes da direcção, assembleia geral e conselho fiscal.

Sabemos das negociações que foram feitas com auspicioso início e mais tarde interrompidas, por questões que não vêem para o caso — mas que fizeram desperdiçar o melhor de dois anos. Não comentamos nem criticamos a compra dos terrenos da Vilarinha, porque confiamos no espírito ponderado do quarteto dirigente da acção pró-campo e conhemos a sua boa vontade, critério e conhecimento das responsabilidades que assumiram, perante os seus consócios, no assunto em debate.

Por isso aguardámos o esclarecimento do caso — que não tardou, como vamos expôr.

A operação pela qual se fêz a aquisição dos terrenos da Vilarinha — que pareceu à muitos, à primeira vista, como ingrata para os interesses do F. C. do Pôrto — feita num tempo em que os terrenos não tinham a valorização de hoje, mercê das contingências do momento presente, redundou lisongeira para os fundos pró-campo, pois comprado ao preço aproximado de 4$00, com área de 60.000 metros quadrados, representam actualmente, pelo menos, qualquer coisa como o dôbro do primitivo valor.

Se é certo que pesa sôbre êstes terrenos uma hipoteca — porque o seu custo foi superior às disponibilidades de momento — também não é menos certo que, pelo que deixamos dito, êsse onus desaparece, pràticamente, com uma venda provável, deixando ainda lucro compensador.

No entanto, o terreno da Vilarinha tinha um grave inconveniente — o seu afastamento do centro da cidade, muito embora pudesse ser servido pela viação eléctrica. Daí o facto de não ter sido considerada como última palavra» a sua compra. As vistas da comissão pró-campo continuavam lançadas para os locais mais próximos do coração do burgo. Pertinazmente, sem desfalecimentos, os componentes da mesma comissão inclinaram-se por outra área mais acessível.

Essa possibilidade surgiu agora materializada nos campos existentes no topo nascente da avenida dos Combatentes da Grande Guerra, à esquina de uma das muitas radiais daquela avenida. São largamente espaçosos, superiores em metragem aos de Vilarinha, panorâmicamente superiores — a vista estende-se desassombrada até à linha do horizonte limitada pelas serranias de Valongo, higiènicamente melhores, com um ar mais lavado e servidos por uma linha eléctrica em sistema de circulação.

Já o haviamos dito aqui, em Janeiro último, quando, pela primeira vez, se aventou a hipótese de o F. C. do Pôrto instalar o campo nos terrenos das Antas. Nessa ocasião apontámos as grandes vantagens da construção do parque de jogos em tal lugar; por isso não nos referiremos de novo ao assunto.

No entanto, e mercê de factos de ordem especial — que também não mencionamos para não entravar o bom andamento das negociações, as quais poderiam ser prejudicadas por qualquer excesso de zêlo jornalístico — o caso não está ainda definitivamente resolvido. É de esperar que êle se resolva a contento da massa associativa do clube da Constituição, mas não devemos dar certezas quando as probabilidades não estão ainda devidamente reünidas, a formarem um bloco único.

Pela sua dedicação, a comissão pró-campo só pode merecer parabens, os quais irão, por mera questão de direito, igualmente para os corpos dirigentes, que, em pleno acôrdo, trabalham para atingir a mesma finalidade: a dotação de um estádio para o nosso campeão.

Contam — a comissão pró-campo e a direcção do clube — com a boa vontade do município, factor muito a ter em linha de conta. Há boa vontade de servir por parte da nossa edilidade, o que é sintoma bastante animador.

Bom seria que, finalmente, fôsse adquirido êste terreno para o futuro parque de jogos do F. C. do Pôrto, porque, pela sua grandeza, daria muito bem para que o campo fôsse dotado de todos os requisitos indispensáveis a um clube que precisa de espaço para poder desenvolver as suas actividades.

Se tudo fôr por diante, o campo será emoldurado por uma extensa bancada, que acompanhará o terreno pelos lados norte, poente e sul, deixando o nascente livre para a vista do deslumbrante panorama. Esta bancada, disposta em ferradura, será em parte coberta. No tôpo leste construir-se-á outra mais baixa, para não prejudicar a visão.

E para não esgotarmos tudo de uma vez só—fiquemos por aqui com as novidades...

No Sarau Comemorativo do Aniversário do Feminino Atlético Clube

A equipa do Lisboa Gimnásio conquistou um brilhante triunfo

ERA uma e meia da madrugada, quando terminou o sarau comemorativo do 7.º aniversário do Feminino Atlético Clube—colectividade portuense a quem o desporto «da mulher» muito e muito deve.

O público, entusiasmado ao rubro, a aplaudir com verdadeiro delírio a equipa do Lisboa Gimnásio, parecia estar esquecido da hora tardia a que o espectáculo fechava!

O Lisboa Gimnásio veio ao Pôrto conquistar um triunfo como não há memória! A sua exibição não esquecerá facilmente àquêles que tiveram a feliz lembrança de ir ao Coliseu. Felicitámos o Feminino Atlético Clube pela iniciativa que tomou de trazer até nós os atletas daquela prestigiosa colectividade — e felicitámos o Lisboa Gimnásio pelo seu comportamento brilhantíssimo.

Bravo rapazes!

*

À hora de principiar o espectáculo a vasta sala do Coliseu estava fraca, com muitos lugares vagos. Ao passar a vista pelos assistentes, tivémos oportunidade de verificar — com mágua — a ausência daquelas «caras» conhecidas do futebol e de tantos outros espectáculos desportivos... Também lá não estavam os «ases» da bola, do atletismo, do «basketball», etc... É que no Pôrto, êstes saraus têm sempre certo ambiente de tristeza, de «massura», em que se respira pouco à-vontade... A maioria do público utiliza-os para fazer «parada de elegâncias». E os espectáculos terminam como começam: com uma alegria e um entusiasmo «fingidos», em ambiente de tédio, como se todos os assistentes fôssem assistir, por snobismo, a qualquer estreia de ópera...

Pois ao iniciar-se o sarau do Feminino, a tradição mantinha-se... Lá estavam as mesmas «senhoras» e os mesmos «cavalheiros» a olhar uns para os outros com atitudes muito graves de pessoas «bem»... E veio a classe infantil do Feminino fazer a sua exibição. Primeiro, ginnástica educativa, com acompanhamento musical. Exercícios graciosos, admiràvelmente escolhidos para a idade das praticantes. Execução nem sempre segura, resultado do nervosismo, aliás compreensível naquelas ginnastas de «palmo e meio». Depois, exercícios de equilíbrio, que se tornariam mais apreciados se não tivessem tido tantas repetições.

Passou assim o primeiro número do programa. O ambiente de sempre mantinha-se ainda...

Mas, de repente, viu que se entreolham as pessoas «bem». É que uma forte lufada de alegria, de vida e de são entusiasmo ousa vir perturbar aquela quietude que se «respira» por tôda a sala. São os rapazes e as raparigas do Lisboa Gimnásio que chegam! Êles, para na pista exibirem os seus números de argolas; elas, para aguardarem, nos muitos lugares vagos, a hora da sua exibição.

Todos os olhares se concentram nos atletas lisboetas; mas indiferentes a isso, sem atitudes forçadas, sem um gesto a denunciar estudo ou pose — a rir, a brincar, a aplaudir, a executar—começam, de maneira irresistível, a ganhar a simpatia do público.

Exibiram-se mais números. A pouco e pouco, nota-se na vasta sala que o ambiente vai sofrendo sensível mutação — torna-se mais alegre, menos «snobs»... e sôbretudo mais desportivo! Os rapazes e as raparigas do Lisboa Gimnásio tinham operado um verdadeiro milagre! A simpatia que irradiava de todos os seus gestos e de tôdas as suas atitudes tornara-se contagiosa. E, quando o espectáculo terminou, o público, arrebatado, louco de entusiasmo, estava todo, completamente todo «na mão» dos atletas de Lisboa.

O sarau a-final, não terminou como começara...

Tanto pelo que de belas e dinâmicas haviam sido as execuções dos atletas lisboetas, como pelo que de simpático e atraente tinha exisitdo nas suas atitudes — o público «apaixonou-se» e esqueceu tôdos preconceitos, para aplaudir, de pé, com exuberante calor, numa espontânea manifestação de agrado, os briosos e completos interpretes daquêle espectáculo maravilhoso. Grandiosa, essa noite de 30 de Maio de 1944, que há-de ficar na história do Feminino Atlético Clube e do Lisboa Gimnásio!

*

Tecnicamente, o sarau decorreu dentro de aspecto muito agradável.

A equipa do Feminino, composta pelas classes «infantis», «juvenis» e «senhoras», apresentou-se bem preparada — e, mais do que isso, fez gala de execuções criteriosamente escolhidas para a categoria de cada um dos grupos em acção.

É uma certeza nos ficar: a de que no Feminino se continua a trabalhar, dentro de sãos princípios, pela Educação Física da mulher!

Quanto à magnífica «equipa» do Lisboa Gimnásio, deu-nos a certeza de que no trabalhador instituto não se faz gimnástica com o único objectivo de dar um espectáculo por ano... Trabalha-se com sábio critério e dentro das mais sólidas bases pedagógicas e fisiológicas. Nas argolas e na barra fixa os rapazes não puderam mostrar o seu melhor — tornou-se evidente — dada a deficiente instalação do material. Já nas paralelas, e sobretudo na mesa alemã, conseguiram um êxito como jámais se registou na nossa cidade. As suas duas séries de «torrentes» de mortais sôbre a mesa alemã electrizaram o público pela perfeição, pela segurança, pelo dinamismo.

Também a classe de senhoras nos deixou óptima impressão: beleza de atitudes, movimentos salutares e sàbiamente escolhidos.

Resta dizer que nos «Vôos à Codona» fizeram levantar tôda a sala — que emocionaram e arrebataram o público!

Em síntese: o Feminino foi felicíssimo no programa que escolheu para comemorar o seu sétimo aniversário. Parabens.

EDUARDO SOARES

BARREIRA DE SOL

Campo Pequeno, 4 de Junho.

COM um pouco mais de nervo e de codícia, o curro da Casa Palmela, suave, nobre, e sem dificuldades para a lide, teria sido um curro ideal.

Apesar da deficiência apontada, o público — que enchia literalmente a praça — saiu satisfeito, porque viu muitas coisas boas — e acima de todas um curso de toureio da melhor escola, ministrado por êsse «maestro» eximio que é jóvem cordovez Manolete.

A técnica da muleta atingiu com êle grande perfeição, que apenas peca pelo defeito de nos dar uma noção errada de extrema facilidade. Admiráveis de «temple» e de mando foram os naturais desenhados por Manolete *na «faena» que ministrou ao seu primeiro touro, iniciada com aqueles seus estatuários ajudados por alto, em que tão bem se ajusta ao inimigo, arrancando de largo,* «tragando de tela» *com vista e dominio assombrosos. Maior em conjunto foi a «faena» do segundo touro, em vários tempos, deixando refrescar o manso para que êle se não apagasse de todo.* Manolete *emprega a mão esquerda e a mão direita com igual facilidade. Quando os braços mandam por forma tão perfeita, é quási legitimo afirmar, embora por forma paradoxal, que o taureio se pratica exclusivamente com êles.*

O mexicano Arruza *progrediu notàvelmente em dois anos que leva de ausência das nossas praças. Bandarilheiro de grande classe, colocou pares magistrais nos seus dois touros, tendo no segundo uma «faena» de muleta de toureiro inteirado e valente, a que apenas se pode apontar o senão de alguns alardes de excessiva temeridade, mais próprios de um novilheiro.*

O valente e pondonoroso Morenito de Talavera *não teve uma das suas tardes felizes.*

João Nuncio, o mestre indiscutível do toureio equestre, esteve regular no seu primeiro e superior no segundo, que aliás pouco ou nada se prestava para uma lide animada e luzida.

J. E.

Desportos da bola

HANDBALL — O Belenenses ganhou pela segunda vez a taça «Tomé Fèteira»
VOLLEYBALL — Internacional e Técnico candidatos ao campeonato de Lisboa

TERMINOU, no domingo, com o resultado de antemão previsto, o torneio de encerramento da época regional, consagrado à disputa da taça «Tomé Fèteira».

O jôgo decisivo foi celebrar-se a Vila Franca de Xira e concluiu pela vitória do Belenenses sôbre o Marvilense, por 7-2, tendo despertado no meio local vivo interêsse a apresentação na modalidade, para o que muito contribuiram os jogadores pelo seu comportamento e entusiasmo. A mesma referência elogiosa se pode estender às equipas do Unidos e do Estoril Praia, que se defrontaram em abertura do programa, triunfando os campeões por 8-1.

A Associação organizara, com os quatro clubes filiados restantes, outro festival de propaganda em Sintra, mas os resultados não corresponderam por forma alguma aos objectivos em vista; o Benfica e o Internacional, que deviam defrontar-se primeiro, não encontraram lugares no combóio conveniente e chegaram ao seu destino com atrazo que os impediu de alinhar, e o encontro do Sporting com «Os Treze», que os «leões» ganharam por 11-7, foi tristemente assinalado pelos mais censuráveis actos de indisciplina de alguns elementos do grupo vencido, entre os quais se salientou o respectivo capitão.

Esperamos que os culpados sejam punidos com rigor exemplar, porque, se os acontecimentos dêste género são sempre reprovaveis, maior foi ainda a gravidade das faltas por serem cometidas em demonstração de propaganda, num meio estranho e onde se pretendia captar simpatias para a prática do «handball».

Concluidas estas jornadas, tão bem intencionadas, de divulgação do jôgo, começa no domingo o campeonato nacional, onde participam quatro clubes, os dois melhores dos regionais de cada cidade.

O programa de estreia comporta as primeiras mãos das meias-finais: Unidos — F. C. Pôrto, em Lisbôa, e Vilanovense-Sporting, no Pôrto; os mesmos grupos jogarão na semana imediata nas cidades contrárias, e o apuramento dos finalistas é feito pela melhor pontuação ou, em caso de igualdade, pela melhor marcação de bolas.

Recordemos que êste campeonato é o sexto em ordem cronológica e que dos cinco precedentes saiu vencedor o Futebol Clube do Pôrto.

*

Com os jogos de domingo passado terminou a primeira volta do torneio da divisão de Honra do campeonato de Lisboa de «volleyball», o qual tem proporcionado excelentes exibições — que levam a lamentar o sistema de recurso a que sujeitaram a competição, dividindo os concorrentes em duas séries, que a sorte preparou bastantes dispares.

Na primeira, o Técnico derrotou todos os adversários, Benfica, Belenenses e Nacional de Natação, mostrando nítida superioridade, apesar de não possuir, de momento, equipa comparavel, em valor, às que apresentou em anteriores campeonatos.

Na outra série, muito mais carregada, leva vantagem o Internacional, depois de se haver batido bravamente contra o Parede e o Sporting, que parecem ambos mais fortes do que qualquer dos contendores do Técnico.

Se nas 2.as categorias a luta prossegue normalmente, com predomínio do Técnico e do Internacional, o choque entre as 3.as categorias da Série *A* mostra-se muito confuso, com as três equipas do Belenenses, Benfica e Técnico em igualdade de pontos.

A actividade da «volley» aumenta consideravelmente no próximo domingo, com o início do campeonato da 1.ª Divisão, ao qual concorrem mais oito clubes, que disputarão entre si uma «poule» numa só volta, processo muito mais simpático e regular do que a divisão em séries. Os encontros da primeira jornada são: Olímpico-Fosforos, Hockey-Marvilense, Ateneu-Monte Pedral e Pena-Futebol Benfica. Os concorrentes apresentam também três categorias. A Associação distribuiu já os regulamentos de mais duas provas, às quais é de prever grande êxito: o campeonato de juniores e o campeonato popular, reservado aos clubes que nunca praticaram oficialmente a modalidade, ao passo que o primeiro é indiferentemente facultados aos clubes filiados e aos que o não sejam, mas tenham existência legalmente reconhecida.

Os prognósticos, nêstes casos, são sempre muito faliveis; mas crêmos firmemente que ambos os torneios reunirão abundante concorrência, contribuindo com segurança para a propaganda e divulgação do «volley».

ATLETISMO

Os últimos concursos clubistas antes dos campeonatos de estreantes

BENFICA, Internacional e Sporting promoveram, no domingo passado, novos concursos reservados aos praticantes ainda não filiados, esfôrço derradeiro para a constituição definitiva das suas equipas de estreantes.

Não há dúvida que a iniciativa sportinguista, organizando logo após o encerramento da época passada os primeiros torneios para iniciados, deu excelentes resultados como estímulo ao interêsse do meio. Nunca, como êste ano, se registaram tantas organizações nem tão animadores resultados e é de prever, para a temporada uma estreia auspiciosa.

Uma das mais agradáveis novidades é o ressurgimento do Internacional, que se encontrou, enfim, no caminho que entre louros trilhara no passado; deve apresentar um excelente núcleo de estreantes, cuidadosamente preparado.

Nos três concursos de domingo houve afinidade nos programas e alguns resultados podem ser analisados em confronto; note-se, contudo, que o Sporting separou das provas que designou para iniciados, aquêles verdadeiros estreantes que já estavam englobados na sua equipa dêsde os primeiros torneios.

O Internacional lutou em competição com o Carcavelos, que bateu largamente, e no próximo domingo repete a organização tendo como adversário o Casa Pia A. C.

Vejamos alguma coisa sôbre as provas: os 60 metros foram ganhos, no Benfica, por Homero Reis, em 7,2 s., no Internacional, por Viana, em 7.5 s., e no Sporting, por José Simões, em 7,6 s.; nos 250 metros venceram, respectivamente, Paulo Branco (B), em 32,4 s., Eduardo Gomes (I), em 33,6 s. e António Mota (S), em 32,6 s.; nos 700 metros, José Araujo (B) em 1 m. 56 8 s.; José Vicente (Carcavelos) em 1 m. 52.3 s., Matos Primavera (S) em 1 m. 53,8 s., mas o estreante sportinguista Castelo Branco correu e ganhou uns 800 metros no tempo muito apreciável de 2 m. 6,9 s.; finalmente, nos 2000 metros registaram-se: 6 m. 21,8 s. por Manuel Gomes e José Araújo (B), 6 m. 20,5 s. por Carrilho (S) e 6 m. 22,8 s. por Armando Monteiro (S).

Nos saltos em altura prevaleceu o campeão nacional da «Mocidade», Serôdio, que sob as côres do (CIF) transpoz 1,^{m}64; seguem-se o sportinguista Cesar Cunha, com 1,^{m}63, e o benfiquense Sá Cardoso, com 1,^{m}55; no salto em comprimento o melhor — e muito bom — foi José Vicente, de Carcavelos, com 6 ^{m}33, precedendo Homero Reis (B), com 6,^{m}13, e Joaquim Silveira (S), com 5,^{m}69.

Finalmente, nos lançamentos encontramos: Peso: Santos Bernardes (S), 12^{m}37; Duarte Orey (I), 12,^{m}14; Outorelo (B) 11^{m}97.

Disco: Francisco Miranda (S), 27 ^{m}75; João Ribeiro (B) 26,^{m}19; Armando (C), 25^{m}30; Duarte Orey (I), 23,^{m}90.

Nos torneios do Internacional e do Sporting, disputaram também as provas alguns atletas já conhecidos dos concursos oficiais das épocas anteriores, os quais omitimos desta breve análise comparativa porque não pertencem à mesma categoria.

No sábado próximo assistiremos à estreia da pista do Estádio Nacional (411 metros de volta e 6 corredores parciais) com a disputa de corridas de 100 e 800 metros e estafeta 4×100 metros; delas participam representantes do Pôrto e Coimbra, e do Benfica, Sporting, Internacional, Atlético e Belenenses, aos quais foram dirigidos convites directos dentro dos restritos limites de uma figuração rápida e, por assim dizer, simbólica.

SALAZAR CARREIRA

G L Y C O L
O IDEAL DA PELE
Produtos V. A. P. (PORTUGAL)
O único preparado que realiza a máxima beleza, dando à pele o raro encanto da mocidade. À venda nas boas Casas da Especialidade e principais farmácias — Depositários gerais: Ventura d'Almeida & Pena
R. do Guarda-Mór, 20, 3.º Esq. LISBOA
Enviamos amostras contra 3$50 em sêlos do e.

ANO XII — Lisboa, 7 de Junho de 1944 — II SÉRIE-N.º 79

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O FESTIVAL DE CICLISMO NO LUMIAR

José Féria, campeão regional de "iniciados„ em velocidade

A vitória de Lourenço no campeonato nacional de velocidade, obtida sôbre Eduardo Lopes numa prova muito emotiva

Fase do "criterium„ da velocidade

J. Mendes, do R. Leça, e Campos Avelar, dos Combatentes, campeões de séniores e júniores em velocidade

Na "hora à americana", no momento em que Aristides conduzia a corrida

Stadium